

## AS APARIÇÕES DE FÁTIMA RELATADAS POR CARTA: REDES SOCIAIS E FAMILIARES DA ESPIRITUALIDADE MARIANA<sup>1</sup>

ISABEL MORUJÃO

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO – CITCEM

isabelmorujao@mail.telepac.pt

**RESUMO:** Este trabalho visa analisar a consolidação da espiritualidade de Fátima, a partir de iniciativas não oficiais. Toma-se como ponto de partida o *corpus* constituído por 3 cartas familiares em que as Aparições são descritas, duas delas em 1917 e outra (inédita ainda) em 1977. Todas foram escritas na mesma casa, por duas testemunhas que vieram a ser cunhados em 1919. Nas duas primeiras surpreende-se, provavelmente, o início de uma rede de contactos de que resultaria a consolidação do culto de Fátima, através do empenhamento não oficial de leigos. Na segunda, confirma-se um testamento espiritual, destinados a 36 netos e 21 bisnetos, no sentido de, na esfera de influência feminina da casa e da família, fazer perdurar a espiritualidade mariana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Espiritualidade; Fátima; cartas; redes; Aparições.

**ABSTRACT:** This work aims to analyze the consolidation of the spirituality of Fatima, from unofficial initiatives. The *corpus* is constituted by 3 family letters in which the Apparitions are described, two of them in 1917 and another (still unpublished) in 1977. All were written in the same house by two witnesses who came to be minted in 1919. In the first two, a network of contacts is probably suspected, resulting in the consolidation of the Fatima cult through the unofficial commitment of lay people. In the second, a spiritual testament is confirmed, for 36 grandchildren and 21 great-grandchildren, in the sense that, in the feminine sphere of influence of the house and the family, the Marian spirituality is endured.

**KEY-WORDS:** Spirituality; Fátima; letters; networks; Apparitions.

---

<sup>1</sup> Este texto é o resultado de uma comunicação apresentada no âmbito do Grupo “Sociabilidade, Práticas e Formas do Sentimento Religioso”, em 28 de novembro de 2014, inserida no Programa “O fim das ilusões”. Acrescentou-se alguma bibliografia entretanto publicada, reduziu-se a extensão do texto (que foi preparado para 90 minutos de exposição) e acrescentaram-se mais algumas imagens.

## *Nossa Senhora em Fátima*

As aparições de Fátima constituem um tema não consensual e até algo fracturante entre os católicos, neles incluindo teólogos e a própria Igreja como instituição. Conhecem-se numerosas aparições da Virgem ao longo da História, nos mais diversos locais, mas a maior parte delas foi desprezada, desvalorizada ou não aprofundada. Nos inícios do séc. XX, na Europa, as mariofanias também proliferaram, como parece ser recorrente em momentos de crise, guerra e desalento social e humano<sup>2</sup>. No entanto, de todas elas, a de Fátima assumiu contornos de expansão e internacionalização insuspeitáveis à época, que levaram crentes, teólogos e papas a reconhecerem uma especificidade e dimensão inusitadas nos acontecimentos ocorridos na Cova da Iria: «a mais profética das aparições modernas», segundo Bento XVI<sup>3</sup>, e «o maior acontecimento religioso da primeira metade do século XX, uma explosão transbordante do sobrenatural neste mundo prisioneiro da matéria», segundo Paul Claudel.<sup>4</sup>

A publicação da *Documentação Crítica de Fátima*, terminada em 2013<sup>5</sup>, constituiu um marco significativo para o avanço da investigação e reflexão religiosa, teológica, antropológica, histórica, sociológica, etc. em torno das Aparições de 1917, cujo centenário se assinala neste corrente ano de 2017. Sem ela, não seria possível uma síntese consistente em torno da singularidade desta aparição. Eloy Bueno de la Fuente, tendo levado a cabo uma leitura detalhada e minuciosa dos arquivos publicados, apresentou, logo em 2014, uma das primeiras abordagens que articulam a História, a cultura e a piedade popular com uma leitura teológica, espiritual e pastoral da mensagem de Fátima<sup>6</sup>.

O nosso objectivo, com esta reflexão, não é tecer considerações sobre a mensagem de Fátima em particular, que deixaremos, aliás, de lado. Impele-nos, sobretudo, reflectir sobre o impacto das Aparições entre algumas das milhares de pessoas que as testemunharam, sobretudo entre aquelas que, mais alfabetizadas

<sup>2</sup> Para alguma perspectiva destas aparições, veja-se CARVALHO, D. L. de – *Os Levantes da República (1910–1917): Resistências à Laicização e Movimentos Populares de Repertório Tradicional na 1ª República Portuguesa*. Porto: Afrontamento, 2011. No caso concreto das aparições da Virgem em 1917, saliente-se que, três dias antes das Aparições na Cova da Iria, um pastor do Barral, na Ponte da Barca, de seu nome Severino Alves, tivera visões em tudo semelhantes, afirmando ver Nossa Senhora numa ramada. O discurso que relatou era similar ao dos pastores de Fátima. A imprensa regional deu inicialmente mais cobertura a esse facto do que ao de Fátima (ver «A Ordem» de 9 de Junho de 1917 e «O João Semana», jornal de Ovar, em 1 e 8 de Julho de 1917).

<sup>3</sup> Afirmação de Bento XVI, recordando, na oração do *Regina Caeli* em 13 de maio de 2007, o 90.º aniversário das Aparições de Fátima, durante a sua visita apostólica ao Brasil.

<sup>4</sup> Apud BUENO DE LA FUENTE, Eloy – *A Mensagem de Fátima – A Misericórdia de Deus: o Triunfo do Amor nos Dramas da História*. Fátima: Santuário de Fátima, 2014

<sup>5</sup> *Documentação Crítica de Fátima: Seleção de Documentos (1917-1930)*. Fátima: Edição do Santuário de Fátima, 2013. Disponível em <file:///C:/Users/isabe/Downloads/F001\_DCF\_selecao%20(8).pdf> [Consultada em 14 de Julho de 2017].

<sup>6</sup> BUENO DE LA FUENTE, Eloy – Ob. cit.

do que a generalidade dos portugueses que se encontravam presentes<sup>7</sup>, se sentiram impelidas a registar as suas impressões por carta a familiares; e compreender, nestes momentos que não se imobilizaram no período que decorreu entre 13 de Maio e 13 de Outubro de 1917, de que modo a espiritualidade mariana encontrou, no contexto português, um terreno fértil para a sua propagação e valorização.

Das muitas aparições marianas, nenhuma delas foi integrada na teologia sistemática ou na mariologia, não constituindo, por isso, um acontecimento revelador do Evangelho, ainda que João Paulo II tenha afirmado que a mensagem de Fátima contém uma verdade e um chamamento que, no seu conteúdo fundamental, são a verdade e o chamamento do Evangelho<sup>8</sup>. Mas a comparação não significa que a totalidade ou sequer algum aspecto singular dos acontecimentos de Fátima contribua para o esclarecimento ou interpretação de núcleos centrais dos Evangelhos. Aliás, neste caso, são talvez os Evangelhos que podem permitir observar, entender e incorporar no Cristianismo as Aparições de Fátima, legitimando a sua leitura como a confirmação evangélica de que Deus acompanha com a sua misericórdia o peregrinar do homem no mundo, sobretudo ao longo da sua história mais conturbada. Fátima também não constitui um dogma de fé. E estas duas situações que acabo de referir permitem observar a Cova da Iria em 1917 com imparcialidade, isenção e descomprometimento.

Através da profecia dos pastorinhos, que anunciaram o que muitos perceberam como milagre, o dia 13 de Outubro acabou por ser perspectivado por bastantes católicos como “o dia que fez o Senhor”<sup>9</sup>, inserindo-se na acção salvífica e pascal e contribuindo para dar espessura de esperança aos milhares de crentes ou curiosos que se acercaram da Cova da Iria. A possibilidade que assim se abria de uma nova ordem e de uma nova esperança é talvez o factor que, conjugado com o contexto opressivo, regulador, depressivo e desolado do Portugal de 1917, justifica a força que catapultou os acontecimentos de Fátima para as grandes cidades e para o estrangeiro.

Por outro lado, o interesse que a Igreja tinha em assumir de novo o protagonismo do seu percurso – entretanto coarctado pelas medidas governamentais republicanas que visavam um Estado concentracionário<sup>10</sup>–

<sup>7</sup> Na altura das Aparições, o analfabetismo em Portugal rondava os 75% da população, percentagem que aumentava particularmente em Fátima, onde, em 1920, essa taxa rondava os 87% (Cf. NEVES, José Manuel Poças – *A Fátima dos inícios do século XX: a freguesia de Fátima (1900-1917)*. Fátima: Rotary Club de Fátima, 2005, pp. 60-68).

<sup>8</sup> Homília no Santuário de Fátima, em 13 de Maio de 1982.

<sup>9</sup> Servimo-nos da expressão retirada do Salmo 118, 23.

<sup>10</sup> Cf. FERNANDES, António Teixeira – *Fátima e Poder Político na Primeira República*. Gaia: Estratégias Criativas, 2013, p. 8.

encontrou em Fátima um factor de oportuna excelência para recuperar a liberdade de expressão religiosa, através de todo este foco de interesse suscitado pelas Aparições.

### ***Cartas sobre Fátima: espiritualidade mariana em rede***

De facto, os anos que se seguiram à implantação da República foram marcados por um feroz anticlericalismo, que visava mesmo, nas suas posições mais radicais, o “desaparecimento da própria religião, enquanto agrupamento espiritual”<sup>11</sup>. E se, neste balanço de perseguições e reacções, é importante recensear exaustivamente os centros de perseguição e de difusão da ideologia maçónico-republicana, por outro lado é igualmente importante, porque de incidência mais difusa, cartografar os meios e os contributos (organizados ou individuais) da acção católica para lhes reagir<sup>12</sup>. Neste contexto, afigurou-se-nos interessante trabalhar alguma documentação sobre os testemunhos de Fátima, no âmbito do fenómeno das redes familiares, espirituais, geográficas, políticas e sociais que se concentraram e desenrolaram na área do Conselho de Torres Novas, envolvendo as localidades de Soudos e de Árgea e a própria vila de Torres Novas.

A formação de opinião, assegurada maioritariamente pela imprensa da época associada aos mais diversos sectores<sup>13</sup>, chegou ela própria a funcionar em rede, através de “um conjunto de jornais da mesma região” que publicava o “mesmo corpo de artigos”<sup>14</sup>. A imprensa publicava ainda algumas cartas de supostas testemunhas oculares das Aparições, que aí emitiam os seus pontos de vista<sup>15</sup>. Paralelamente, a consciência individual processou todos estes factos e plasmou-os, algumas vezes, no registo simultaneamente confessional e expositivo que o género epistolar permite.

O fenómeno de Fátima tem sido compreendido fundamentalmente a partir de discursos institucionais: depoimentos da iniciativa do Patriarcado de Lisboa,

---

<sup>11</sup> FERNANDES, António Teixeira – Ob. cit., p. 27.

<sup>12</sup> Ver TORRALBA, L. F. – *O sol bailou ao meio dia: A criação de Fátima*. Lisboa: Tinta-da-China, 2011.

<sup>13</sup> A carta de Vitória Sirgado Azevedo Mendes alude à importância do jornal como formador de opinião e como prova de creditação de um testemunho que não tinha apenas sustentação individual: “*O Século*, jornal bem jacobino, no dia seguinte trazia em letras na 1.ª página – O Sol bailou ontem em Fátima. Tantas vezes emprestei o jornal que por lá ficou, pois seria hoje um grande testemunho da verdade.”

<sup>14</sup> FERNANDES, António Teixeira - ob. cit., p. 9.

<sup>15</sup> Apenas a título de exemplo, a carta de Carlos Silva, publicada no jornal *O Mensageiro*, em 18 de Outubro, com honras de primeira página. Carlos Silva era o proprietário da “Imprensa Comercial, à Sé – Leiria”, onde se imprimia *O Mensageiro*, desde a sua fundação até Julho de 1920. Aqui se imprimiu também, nos primeiros tempos, o jornal *A Voz da Fátima* (Cf. FERRAZ, Luís Miguel Ribeiro – *As Aparições de Fátima e o seu impacto local (1917-1927) Leitura histórico-teológica a partir do semanário O Mensageiro*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2012. Dissertação de Mestrado, p. 64).

cartas pastorais, pareceres, interrogatórios, entrevistas, documentos paroquiais e diocesanos, documentos papais, telegramas, ofícios, actas de sessões de Senado, Histórias de Portugal e da Igreja<sup>16</sup>, etc. No entanto, é necessário avaliar também o impacto da actuação de redes<sup>17</sup> várias (individuais e informais) que, paralelamente às redes institucionais e formais, construíram dinâmicas históricas que é importante recentrar.

Assim, através do estudo de um curto epistolário, pretende-se, neste trabalho, alertar também para o interesse e a importância de uma leitura não institucional do fenómeno de Fátima (embora, nos últimos anos, a edição da *Documentação Crítica de Fátima* – ainda que, no seu todo, muito omissa e sem um programa consistente – tenha contribuído para um observatório renovado), sustentada pelo fenómeno das redes e laços que se criaram a partir deste epistolário. Servimo-nos de algumas premissas metodológicas de análise de redes, desenvolvidas pela sociologia americana e anglo-saxónica, fundamentalmente a partir dos anos trinta do século XX, com significativo recrudescimento na década de noventa. Procurar-se-á então entender este epistolário através do pressuposto de que «os actos dos indivíduos só são compreensíveis no contexto das suas interacções com outros actores sociais»<sup>18</sup>. Deste modo, numa abordagem que se inspira também na micro-história<sup>19</sup> ou na designação nominalista, far-se-á variar a escala de observação, colocando o indivíduo no foco de pesquisa, enquanto centro de interacções pessoais e interindividuais.

Interessou-nos ainda deter sobre estes fenómenos de Fátima uma perspectiva feminina e uma masculina, para avaliarmos distintas formas de sensibilidade captadas discursivamente nas cartas. Tomou-se, por isso, como *corpus* fundamental de trabalho duas cartas enviadas por Carlos de Azevedo Mendes (uma a sua noiva, Maria dos Prazeres Courinha, em 7 de Setembro de 1917, e outra ao seu irmão, Padre Cândido de Azevedo Mendes S.J., já depois de 13 de Outubro do mesmo ano) e ainda a carta manuscrita<sup>20</sup> que, seis décadas mais tarde, Vitória Antunes Sirgado, já viúva de Cândido de Azevedo Mendes (irmão mais novo do Padre com o mesmo nome, acima citado), escreveu a seus

<sup>16</sup> Ver *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Dir. de AZEVEDO, Carlos. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001 e RAMOS, Rui; MATTOSO, José – *História de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

<sup>17</sup> Sobre esta fecundidade dos estudos no âmbito das redes, ver, entre muitos outros autores, SCOTT, John – *Social Network Analysis: a handbook*. Second edition. London: Sage, 2000 e SCOTT, John – *Models and methods in social network analysis*. Edited by CARRINGTON, Peter J.; SCOTT, John; WASSERMAN, Stanley. New York: Cambridge University Press, 2005.

<sup>18</sup> CAMPOS, Maria do Rosário Castiço de – *Redes de Sociabilidade e de Poder: Lousã no séc. XVIII*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2003, p. 22. Tese de Doutoramento.

<sup>19</sup> Cf. LEVI, Giovanni – *Sobre Micro-história*. In BURKE, Peter (ed.) – *Formas de Hacer Historia*. Madrid: Alianza Editorial, 1991.

<sup>20</sup> A carta de Vitória Antunes Sirgado não foi publicada na documentação de Fátima. Esta é a sua primeira divulgação impressa, em anexo a este trabalho.

netos a 13 de Novembro de 1977. De algum modo, partindo da comunidade do Concelho de Torres Novas, tentar-se-á a reconstituição da rede familiar, social e religiosa estabelecida entre certos indivíduos que mantiveram entre si a particularidade comum de terem estado presentes em Fátima, na altura das visões dos pastorinhos. Trata-se, naturalmente, de surpreender percursos situados num tempo determinado e inseridos no ciclo de vida próprio de cada indivíduo (um solteiro (mas já noivo), com três irmãos sacerdotes, que escreve no rescaldo imediato das Aparições; a outra, já viúva, que escreve sobre esses factos já no fim da vida, tomando como principais destinatários os seus 36 netos), permitindo compreender a sensibilidade à questão de Fátima por parte de uma microcomunidade de Torres Novas, no período histórico que se seguiu às aparições na Cova da Iria.

O elemento principal que desencadeou o cruzamento e o estudo comparativo deste epistolário foi o facto de ambos os testemunhos terem sido escritos na mesma casa da localidade dos Soudos, embora em décadas diferentes. E ainda a circunstância de Carlos de Azevedo Mendes ter vindo a ser cunhado de Vitória Sirgado, natural de Árgea, também do concelho de Torres Novas, pelo casamento desta com seu irmão mais novo, Cândido de Azevedo Mendes<sup>21</sup>.



Fig. 1 - **Carlos de Azevedo Mendes** [Arquivo particular da Família Azevedo Mendes]



Fig. 2 - **Vitória Antunes Sirgado** [Arquivo particular da Família Azevedo Mendes]

<sup>21</sup> No sentido de evitar equívocos, volta a chamar-se a atenção para o facto de que Carlos de Azevedo Mendes teve dois irmãos com o mesmo nome: um, sacerdote jesuíta, a quem escreve uma das cartas aqui em apreço; outro, bastante mais novo, que veio a casar com Vitória Antunes Sirgado.

### ***O Senhor de Fátima: cartas ao irmão e à noiva***

Carlos de Azevedo Mendes era o nono filho de Manuel Marcos Mendes (proprietário de uma herdade nos Soudos e de terrenos rurais envolventes) e de Teresa de Jesus Azevedo, natural da Lamarosa. Nasceu a 2 de Julho de 1888, nos Soudos, vindo a destacar-se na vida cívica, religiosa e política do seu tempo<sup>22</sup>.

No ano das aparições de Fátima, Carlos Azevedo Mendes, então com vinte e nove anos, era licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra (1906-1911), cidade onde se ligou empenhadamente às actividades do C.A.D.C. (Centro Académico de Democracia Cristã), fundado em 1901 para dar resposta ao progressivo cerceamento da vida religiosa, resultante das medidas decretadas por Hintze Ribeiro. Exercia advocacia em Torres Novas.

Nesse ano de 1917, já noivo de Maria dos Prazeres Lucas Courinha, natural de Alcanena, decidiu ir dos Soudos a Fátima, acompanhado por um amigo, para avaliar pessoalmente o que três crianças diziam ver na Cova da Iria e de que tanto se falava, a instâncias de sua noiva, que lhe pedira que de lá lhe trouxesse uns raminhos da azinheira onde se dizia que Nossa Senhora era vista pelos pastorinhos. A sua fé ponderada não o levava de imediato a dar crédito ao que se ouvia e lia sobre os pastorinhos, conforme ele próprio confessaria na carta que escreveu em finais de Outubro de 1917 a seu irmão Padre Cândido<sup>23</sup>, catorze anos mais velho do que ele, decorria já o inquérito da Igreja para averiguar o fenómeno:

*Depois de Maio começaram correndo rumores vários de que para os lados de Fátima havia qualquer coisa de extraordinário. Tais boatos foram-se avolumando, e eu que os ouvia com um certo ar céptico, e até mesmo de troça, comecei a sentir-me espicaçar a curiosidade<sup>24</sup>.*

Por isso, a 7 de Setembro, Carlos A. Mendes partiu para Fátima a cavalo e conseguiu estar com os videntes e falar com eles, deixando a sua impressão na carta que escreveu à noiva, logo a 8 de Setembro, já regressado aos Soudos,

---

<sup>22</sup> “O homem mais poderoso do século XX torrejano”, segundo afirmações de João Carlos Lopes, «Jornal Torrejano» 1016, 9 de Junho (2017), p.8. Ver ainda MARQUES, Tiago Pires – *Extraordinary order: Fátima, religious affects and the Catholic political imagination in Portugal, c.1910–1950*. «Portuguese Journal of Social Sciences», Volume 13, Number 3, September (2014), pp. 253-268.

<sup>23</sup> Cândido de Azevedo Mendes era o mais velho dos irmãos, tendo nascido em 1874, nos Soudos, e morrido em 1943, no Brasil. Era jesuíta e professor de Ciências Naturais no Colégio de S. Fiel (que Carlos Azevedo Mendes também frequentou), em Castelo Branco, onde foi fundador da Revista *Brotéria*. Era um notável investigador da fauna ibérica, tendo particularizado o seu estudo em torno dos lepidópteros, de que foi um conceituadíssimo especialista, de renome mundial.

<sup>24</sup> *Documentação Crítica de Fátima*, Doc. 56, 1957, p. 10.

em papel de larga tarja negra<sup>25</sup>, onde faz a descrição física e psicológica dos três primos. Logo de início, agradece a Maria dos Prazeres ter insistido com ele para que fosse a Fátima, pois, como confessa na carta, embora de bom grado tivesse acedido ao seu pedido, tinha encarado a viagem apenas como um desafio desportivo. No entanto, depois de, em Fátima, se ter inteirado de tudo, procede à narração do que viu, mediada pela sua própria convicção. Referindo-se a Jacinta, de 7 anos, diz:

*O Vigário tinha-me dito que era um Anjo. Quis também formular opinião. Afirmo-te Prazeres, é um anjo (...). Muitas vezes o pensei e algumas o disse, se a minha Prazeres a visse e falasse com ela, só a não raptaria, se não lhe fosse possível!!!... Um lenço com ramagem encarniçada embrulhado na cabeça com as pontas atadas atrás. Lenço velhito e já roto... Um casaquito, que também não primava muito pela limpeza, uma saia sobre o encarnado, mas com uma roda enorme à moda da terra.*

*Aqui tens o traje do nosso anjito. Queria descrever-te a carita, mas creio bem que nada conseguirei dizer-te, aproximado ao menos!!!...<sup>26</sup>*

De Francisco afirmava convictamente:

*Carapuço enterrado pela cabeça, jaleca muito curta, colete deixando ver a camisa, calças justas, enfim um homem em miniatura. Bela cara de rapaz!... Olhar vivo e cara agarotada!!!... Com ar desempenado responde a minhas perguntas<sup>27</sup>.*

De Lúcia, a última a chegar, descreveu-a sucintamente:

*A Lúcia não tem feições que nos impressionem. Só o olhar é vivo. As feições são vulgares. O tipo da região. Ao princípio também retratada. Mas em breve as tenho à vontade<sup>28</sup>.*

Desde logo transparece neste testemunho a confiança que as crianças de imediato lhe inspiraram e o desafio de interpretar a forma diferente pela qual cada uma das três percepcionava a Virgem:

---

<sup>25</sup> Carlos de Azevedo Mendes estava então de luto por seu pai, Manuel Marcos Mendes, falecido em Março desse ano.

<sup>26</sup> *Documentação Crítica de Fátima*, Doc. 7, p. 42.

<sup>27</sup> *Documentação Crítica de Fátima*, Doc. 7, p. 42-43.

<sup>28</sup> *Documentação Crítica de Fátima*, Doc. 7, p. 43.

*A Lúcia vê a Senhora, fala com ela e ouve-a. A Jacinta vê a Senhora, ouve-a, mas não fala com ela. O Francisco vê a Senhora, mas não lhe fala nem a ouve!! É interessante esta diferença, não achas, Prazeres? Mas além de interessante, tem até muito de extraordinário!<sup>29</sup>*

A importância desta carta a Maria dos Prazeres advém ainda do facto de, tanto quanto se sabe, ela consistir a primeira divulgação, fora da aldeia recôndita de Fátima, da oração que as crianças diziam que Nossa Senhora lhes ensinara e que está hoje integrada na oração do Terço. É provável que a piedade de Maria dos Prazeres e até da sua família e amigas a tenha divulgado e praticado logo a partir da recepção desta carta. Naturalmente que a oração estava já transcrita pelo Prior de Fátima, como resultado do interrogatório que fizera aos pastores, mas a reserva do assunto levava a Igreja a manter contenção face ao que estava a acontecer.

A oração que dizem a Senhora lhes ensinou é simples, é a seguinte:

*“Ó meu Jesus perdoai-me.  
Livrai-me do fogo do inferno  
Levai as alminhas todas  
para o céu, principalmente  
as que mais precisarem.”  
Queres maior simplicidade?<sup>30</sup>*

Assim, movido pela impressão que lhe causara tudo o que vira e ouvira, pela conformidade do que as crianças lhe disseram com o que constava do relatório escrito pelo Prior que as interrogara, e já sem a atitude de troça com que encarara o que se dizia sobre Fátima antes de lá ter ido pessoalmente, Carlos Azevedo Mendes resolve ir de novo à Cova da Iria seis dias depois, para poder avaliar *de visu* os factos descritos, no dia anunciado pelas crianças (13 de Setembro), conforme confidenciou na carta a seu irmão Padre Cândido:

*Estive com elas umas três horas, indo mesmo ao local junto do carrasqueiro rezar o terço. Não consegui uma contradição, por mais leve que fosse; todos faziam precisamente as mesmas afirmações. O mais pequerrucho tinha oito anos, e todos três o ar mais ingénuo, aliado à cultura verdadeiramente selvática como podes imaginar tem um pastor das nossas serras. Depois de os deixar, o Prior mostrou-me o seu relatório, e com espanto verifiquei que condizia exactamente com o meu inquérito. (...) O meu entusiasmo era*

<sup>29</sup> *Documentação Crítica de Fátima*, Doc. 7, p. 43.

<sup>30</sup> *Documentação Crítica de Fátima*, Doc. 7, p. 45.

*enorme e agora sem a mais pequena sombra de troça, ainda que com um pouco de cepticismo. O dia 13 chegou e com a maior ansiedade lá fui ao local*<sup>31</sup>.

A ansiedade, que, da primeira vez, estava toda colocada do lado de Maria dos Prazeres, transferiu-se, nesta segunda ida, para o advogado de Torres Novas. Nesse dia 13 de Setembro, sob um calor imenso, as crianças declararam estar a ver a Senhora, enquanto ele, a seu lado, nada via. Incrédulo e desconfiado («naquela altura quási classifiquei tudo de intrujice»<sup>32</sup>), abandonou o local, não sem antes pegar em Lúcia ao colo, pois era grande o aperto da multidão e os videntes choravam. Esta sua imagem ficaria gravada na mente das pessoas que o viram, que se lhe refeririam, várias vezes, como «o Senhor de Fátima»<sup>33</sup>. Não o conhecendo, por ser de Torres Novas, a sua figura muito alta e de forte compleição deu nas vistas ao povo, por transportar aos ombros a vidente.

Entretanto, em Outubro, voltou de novo a Fátima, persistente na sua atitude esclarecedora: «Já que começara, levaria a minha cruz ao fim», desabafa na carta ao irmão Padre Cândido. E então, "precisamente na ocasião que a petiza dizia "olhem para o Sol, que lá está o sinal de que a Senhora me falava", todos nós vimos o Sol bailando e tomando aspectos que nunca tinha visto».

As descrições do fenómeno, que de todos os modos se afigurava extraordinário, são inúmeras, feitas por crentes e não crentes, em jornais, em apontamentos pessoais por parte de quem os presenciou, em depoimentos solicitados às testemunhas oculares, etc. Para a grande maioria, o «milagre» consistia na manifestação de *impossibilia*, numa natureza que parecia autonomizar-se das regras que sempre a regeram: o Sol bailava, descendo à Terra e subindo ao Céu, permitindo que o olhassem sem provocar cegueira. O sobrenatural associado àquele momento foi, para muitos, o milagre que confirmava a visão que os pastores tinham de Nossa Senhora. A notícia do jornal *O Século*, em grandes manchetes, podia ser tomada por uns como confirmação desse milagre e, por outros, como fonte para imediato descrédito<sup>34</sup>. De facto, *O Século* colocou em grandes parangonas, na primeira página, o título «Coisas espantosas! Como o Sol bailou ao meio-dia em Fátima».

<sup>31</sup> *Documentação Crítica de Fátima*, Doc. 56, p. 11.

<sup>32</sup> Carta a seu irmão, *Documentação Crítica de Fátima*, Doc. 56, 1917, p. 11.

<sup>33</sup> Esta designação inicial, depois de conjugada com o protagonismo que viria a ter em Fátima, sobretudo como co-fundador dos Servitas, consolidou a forma pela qual viria a ser conhecido como "o Senhor de Fátima".

<sup>34</sup> O artigo termina deste modo ambíguo, não sem classificar o fenómeno meteorológico de «macabro bailado»: "Resta que os competentes digam de sua justiça sobre o macabro bailado do sol que hoje, em Fátima, fez explodir hossanas dos peitos dos fieis e deixou naturalmente impressionados – ao que me asseguraram sujeitos fidedignos – os livres pensadores e outras pessoas sem preocupações de natureza religiosa que acorreram à já agora celebrada charneca."



Fig. 3 - Primeira página do jornal diário da capital, *O Século*.

No âmbito deste trabalho, que se centra numa rede epistolar, de carácter familiar, sobre as visões de Fátima, é de assinalar que a notícia deste jornal, redigida por Avelino de Almeida, deu lugar, alguns dias depois, a um artigo seu, publicado na revista “Ilustração Portuguesa”<sup>35</sup> em 29 de Outubro de 1917, para o qual reivindicou, curiosamente, o estatuto e a forma de carta (apesar de ser um texto de imprensa), como o subtítulo, entre parêntesis rectos, insinua: «[Carta a alguém que pede um testemunho insuspeito]».

*(...) Escreves-me para que te diga, sincera e minuciosamente, o que vi e ouvi na charneca de Fátima, quando a fama de celestes aparições congregou naquele desolado ermo dezenas de milhares de pessoas mais sedentas, segundo creio, de sobrenatural do que impelidas por mera curiosidade ou receosas de um logro.... Estão os católicos em desacordo sobre a importância e a significação do que presenciaram. Uns convenceram-se de que se tinham cumprido promettimentos do Alto; outros acham-se ainda longe de acreditar na incontestada realidade de um milagre. Foste um crente na tua juventude e deixaste de sê-lo. Pessoas de família arrastaram-te a Fátima, no vagalhão colossal daquele povo que ali se juntou a 13 de Outubro. O teu racionalismo sofreu um formidável embate e queres estabelecer uma opinião segura socorrendo-te de depoimentos insuspeitos como o meu, pois que estive lá apenas no desempenho de uma missão bem difícil, tal a de relatar imparcialmente para um grande diário, O Século, os factos que diante de mim se desenrolassem e tudo quanto de curioso e de elucidativo a eles se prendesse. Não ficará por satisfazer o teu desejo, mas decerto que os nossos olhos e os nossos ouvidos não viram nem ouviram coisas diversas, e que raros*

<sup>35</sup> Revista editada pelo jornal *O Século*, n.º 610, pp. 18-20.

*foram os que ficaram insensíveis à grandeza de semelhante espectáculo, único entre nós e de todo o ponto digno de meditação e de estudo.*

*(...) E, quando já não imaginava que via alguma coisa mais impressionante do que essa rumorosa mas pacífica multidão animada pela mesma obsessiva ideia e movida pelo mesmo poderoso anseio, que vi eu ainda de verdadeiramente estranho na charneca de Fátima? A chuva, à hora pré-anunciada, deixar de cair; a densa massa de nuvens romper-se e o astro-rei - disco de prata fosca - em pleno zénite aparecer e começar dançando num bailado violento e convulso, que grande número de pessoas imaginava ser uma dança serpentina, tão belas e rutilantes cores revestiu sucessivamente a superfície solar ...*

*Milagre, como gritava o povo; fenómeno natural, como dizem sábios? Não curo agora de sabê-lo, mas apenas de te afirmar o que vi... O resto é com a Ciência e com a Igreja ...*<sup>36</sup>

Era a primeira vez que a imprensa se centrava com interesse<sup>37</sup> nas visões de Fátima, uma localidade cujo nome nada dizia, isolada que estava no interior das serranias de Aire<sup>38</sup>. No entanto, a formulação dos fenómenos que se tornou a grande alavanca da devoção e do sentimento religioso por Fátima foi a que Carlos Azevedo Mendes expressou, desde logo, na carta a seu irmão Padre Cândido, de que não sabemos a data exacta<sup>39</sup>, mas apenas o mês<sup>40</sup>. Aí se surpreende a sua

<sup>36</sup> *Documentação Crítica (...)*, Doc. 21, p. 116.

<sup>37</sup> A primeira notícia sobre Fátima foi publicada neste mesmo jornal, a 23 de Julho de 1917, onde o jornalista de então suspeitava de um embuste. Não se trata de imprensa local, mas de um jornal diário, da capital, publicado entre 8 de Junho de 1880 e 12 de Fevereiro de 1977. Diga-se que poucos jornalistas estiveram em Fátima entre 13 de Maio e 13 de Outubro de 1917. Essa primeira notícia saiu n' *O Século*, a 23 de Julho, com o título «Uma embaixada celestial ... especulação financeira?», notícia essa que seria publicada na íntegra a 25 de Julho pelo jornal *O Mensageiro*, apenas com alteração no título, que passou a «Aparição miraculosa?» Trata-se do artigo da autoria do correspondente de *O Século* em Meia-Via, Torres Novas, que conclui do seguinte modo, depois de ter presenciado os milhares de pessoas que estavam presentes na Cova da Iria a 13 de Julho: «Entretanto, é minha opinião que se trata dumha premeditada especulação financeira, cuja fonte de receita existe nas entranhas da serra, em qualquer manancial de águas minerais que recentemente tenha descoberto algum indivíduo astucioso que, à sombra da religião, quer transformar a serra de Aire numa estância miraculosa como a velha Lourdes.» Entre a imprensa regional, foi *O Ouriense* que, a 29 de Julho de 1917, ousou uma publicação própria, assumindo a possibilidade de Vila Nova de Ourém vir a replicar Lourdes: «Quererá a Rainha dos Anjos fazer desta freguesia uma segunda Lourdes?!...».

<sup>38</sup> Para uma percepção de Fátima nessa época, ver NEVES, José Manuel Poças – *A Fátima dos inícios do século XX: a freguesia de Fátima (1900-1917)*. Ob. cit.

<sup>39</sup> A carta original escrita ao irmão não apareceu até hoje. Aliás, o Padre Cândido de Azevedo Mendes ver-se-ia exilado em Salamanca e expropriado de todos os seus bens (mesmo da sua preciosíssima colecção de borboletas, que em vão tentou reaver), na sequência da expulsão das Ordens religiosas, em 1910. É natural, portanto, que da carta só restassem cópias. Cândido de Azevedo Mendes foi Provincial dos Jesuítas entre 1919 e 1924 e, mais tarde, entre 1927 e 1933. Logo em 1934 partirá para a Baía, incumbido de ser Superior da Missão do Brasil Setentrional. Faleceu no Brasil. A parte da carta a que temos acesso resulta de uma cópia incompleta encontrada na década de 50 no arquivo da biblioteca do Cónego Formigão, que Azevedo Mendes confirmou como sendo sua, quando uma religiosa o interrogou sobre ela.

<sup>40</sup> A carta “a minha filha”, datada de 13 de novembro de 1917, escrita pela testemunha ocular João Maria Lúcio

opinião já formada sobre o que vira:

*Tais aspectos serão naturais?<sup>41</sup>... Que me importa?... Ninguém os conhecia. Ninguém sabia que eles existiam e apareciam. (...). Para mim, o extraordinário de tudo o que vi é a coincidência de sinais atmosféricos com a prevenção da criança<sup>42</sup>.*

É nestas palavras que Carlos Azevedo Mendes dá mostras de um espanto que irá ser o motor da sua atitude em relação a Fátima. Em 22 de Novembro de 1917, o Padre José Ferreira de Lacerda publicará, no jornal *O Mensageiro*, as suas impressões sobre os acontecimentos, assinalando esta mesma perplexidade:

*Lúcia, rude e ignorante, não podia prever o que milhares de pessoas observaram no sol no dia 13 de Outubro. [...]. É ou não vulgar o fenómeno? Se é como é que os aparelhos o não registaram? Se não é como é que três crianças, ou melhor uma criança, sem instrução alguma, o prevê com antecedência e sem saber do que se irá passar daí a três meses, diz que no último dia fará com que todos se acreditem? É esta a pergunta que continuamente nos assalta.*

Mas, logo a 18 de Outubro de 1917, um jornalista de *O Mensageiro* também afirmou:

---

Serra, segue também a mesma linha de raciocínio:

"Dando de barato que no caso de Fátima tudo se explica por causas naturais, uma circunstância basta para lhe dar foros de maravilhoso – o ter sido anunciado para dia e hora certa com a antecedência de seis meses e ainda no próprio dia.

Coincidência?

Não será admirável e surpreendente semelhante coincidência de um facto com tanta antecedência e firmeza anunciado?"

(Documentação Crítica (...), Doc. 25, pp. 133-134).

Foi, no entanto, Carlos Azevedo Mendes quem primeiro formulou a questão, e ignoramos a comunicação que poderá ter existido entre estas duas testemunhas, uma vez que João Serra era também de Torres Novas, onde Carlos Azevedo Mendes exercia a sua profissão de advogado. Torres Novas era, na altura, uma vila extremamente dinâmica e culturalmente interessada, como o confirmam os 27 títulos de jornais que marcam a sua história, num arco temporal que vai de 1853 a 1925, e certamente Serra conheceria o advogado Carlos de Azevedo Mendes.

Para uma perspectiva sobre o dinamismo cultural de Torres Novas, veja-se SANTOS, António Mário Lopes dos – *Torres Novas nos finais do séc. XIX – subsídios históricos*. Torres Novas: Edições Câmara Municipal de Torres Novas, 1994.

<sup>41</sup> Só em 1999 o teólogo e cientista Stanley L. JAKI em *God and the Sun at Fatima* (Real View Books, 1999), afirmará que o fenómeno designado como “milagre do Sol” pode ter apenas explicação meteorológica, mas que é na sua ocorrência no tempo previsto pelos pastorinhos que reside o milagre. Será ele o autor do breve sobre as Aparições, na *Enciclopédia de Fátima*. Coordenação de AZEVEDO, Carlos; CRISTINO, Luciano. Cascais: Principia, 2007.

<sup>42</sup> *Documentação Crítica de Fátima*, Doc. 56, 1917, p. 12.

*As três crianças, Lúcia, de 10 anos, Francisco de 9 e Jacinta de 7, os videntes, não podiam, rudes e ignorantes, mistificar por tal forma as dezenas de milhares de assistentes; e ainda se este facto se desse ficaria o fenómeno solar, que a ciência não previu, e cremos não explicará, demonstrando que no caso de Fátima há alguma cousa de extraordinário que não compreendemos.*

Estas constatações são semelhantes – quem sabe se conversadas no mesmo local entre o mesmo grupo de pessoas em que Carlos Azevedo Mendes se inseriria... - e começaram a tomar corpo entre leigos, um pouco à margem das autoridades eclesíásticas, embora com o conhecimento de algumas delas. A Igreja manterá alguma precaução, sobretudo porque as autoridades civis da época não viam com bons olhos as manifestações religiosas públicas. O milagre, a ter existido, não residia nas estranhas percepções do Sol e da natureza constatadas pelos presentes, mas na sua previsão para aquele dia, por parte de quem não tinha nem idade nem conhecimentos nem cultura para o conseguir fazer. Trata-se, talvez, da mais lúcida observação e raciocínio da época sobre o que acontecera, só igualável a alguns artigos científicos de finais do séc. XX e do século XXI, que apenas mais recentemente explicam a razão que estará por detrás daquela ilusão do Sol a descer.



**Fig. 4.** – Um aspecto da multidão de dezenas de milhar de pessoas que presenciaram os fenómenos meteorológicos de 13 de Outubro de 1917, numa fotografia da época [Arquivo do Santuário de Fátima ou <https://goo.gl/images/gRfWWK>]

Nesse 13 de Outubro, que recordou por carta ao irmão, Carlos Azevedo Mendes, perante a multidão simultaneamente estupefacta e receosa que avançava para os pequenitos depois do desaparecimento da Senhora, mais uma vez agarrou em Lúcia ao colo e levou as crianças consigo. O mesmo facto,

então, não passou despercebido a ninguém, não só pela já referida estatura do advogado, mas pelo contexto em que era visto, a seguir a tão intrigantes fenómenos da natureza, transportando a vidente principal, que aproveitava a circunstância para interagir com as pessoas: «agora ela parecia-me a mensageira de qualquer nova, pois ao meu colo gesticulava e gritava, dizendo a todos que fizessem penitência, porque assim o queria a Senhora». O jornalista Avelino Almeida, do jornal *O Século*, também o notou, no célebre artigo de 15/10/1917: «Lúcia, a que fala com a Virgem, anuncia, com ademanos teatrais, ao colo de um homem, que a transporta de grupo em grupo.» Quando Lúcia, já carmelita, publica as suas *Memórias*<sup>43</sup>, regista a oportunidade deste gesto, relembando o quanto antes temera, a 7 de Setembro, este homem alto que entrava na sua casa:

*Se me não engano, foi também no decurso deste mês que aí apareceu um jovem que, pela sua elevada estatura, me fez tremer de medo. Quando vi entrar em casa, à minha procura, um Senhor que teve que curvar-se para caber na entrada da porta, julguei-me em presença dum alemão. E como, em esse tempo, estávamos em guerra e as famílias usavam meter medo às crianças, dizendo: – Aí vem um alemão para te matar – eu julguei-me, por isso, chegada ao último momento<sup>44</sup>.*

Mais adiante acrescenta, continuando a referir-se a Carlos Azevedo Mendes:

*Qual não foi o meu espanto quando, no dia 13 de Outubro, me encontrei, de repente, depois das aparições, nos braços do dito personagem, nadando por em cima das cabeças do povo. Realmente estava bem, para que todos pudessem satisfazer a sua curiosidade de me ver!<sup>45</sup>*

Estas duas cartas de Carlos Azevedo Mendes tiveram, certamente, uma difusão mais alargada do que a dos destinatários individuais a que se dirigiam. O caso era singular e extraordinário e, por isso, é natural que Maria dos Prazeres tenha lido, pelo menos, os excertos que se referiam às descrições dos pastorinhos aos pais, às empregadas, às amigas, etc. De facto, não só fora ela que insistira com Carlos Azevedo Mendes para ir a Fátima, como o seu estado de

<sup>43</sup> O contexto da redacção das suas memórias é explicado por CRISTINO, Luciano – *Notas Biográficas da Irmã Lúcia*. Conferência proferida no Santuário de Fátima a 28 de Março de 2007. Disponível em <<http://www.fatima.pt/pt/news/conferencia-notas-biograficas-irma-lucia>> [consulta realizada em 13 de Novembro de 2014].

<sup>44</sup> SANTOS, Lúcia de Jesus – *Memórias da Irmã Lúcia*. Compilação de KONDOR, Pe. Luís, SVD. Introdução e notas de ALONSO, Pe. Dr. Joaquín M., CFM; CRISTINO, Pe. Dr. Luciano. Fátima: Secretariado dos Pastorinhos, 2000, p. 80.

<sup>45</sup> SANTOS, Lúcia de Jesus – *Memórias da Irmã Lúcia*. Ed. cit., 2000, p. 81.

ansiedade relativamente ao que o noivo apuraria não seria compaginável com o seu silêncio, secretismo ou discrição. Recorde-se que, na carta que Carlos lhe escreveu, o estado de ansiedade da noiva é por mais de uma vez referido: «Com que ansiedade não estará a minha filhinha de, com o seu Carlos, chegar a Fátima!» e «Esperas com ansiedade a minha impressão, não é verdade?».

A viagem de Carlos Azevedo Mendes e o impacto dela foram relatados às empregadas da casa dos Soudos, antes mesmo de serem passadas a escrito na carta a Maria dos Prazeres: «Cheguei aos Soudos (...). As minhas criadas não me deixaram deitar sem lhes contar as minhas impressões. Fiz-lhes a vontade e depois de beber um copo d'água com chá fui deitar-me.» De algum modo, o relato oral foi a primeira estruturação do relato escrito, envolvendo também destinatários femininos, embora de outro nível cultural<sup>46</sup>.

Todo este clima de curiosidade envolvia sobretudo as pessoas do sexo feminino, que, impedidas por condição, oportunidade ou falta de transporte, não se deslocavam ao local com a mesma facilidade que os homens. E, mesmo assim, as viagens não eram isentas de perigos, naqueles tempos, pois as estradas eram pouco transitáveis: «Procurámos outro caminho, que quasi chamarei de... cabras!! A todos os momentos eu ia a ver que a minha Prazeres ficava sem o seu Carlos... Carreiros íngremes, cheios de pedras, já de noite, sem ver o caminho, e a minha égua não sabendo andar em tal piso». Também as senhoras ou raparigas pareciam mais dadas à convicção de que as visões dos pastorinhos eram verdadeiras, pois Maria dos Prazeres pedira a Carlos um ramo de azinheira como relíquia, numa atitude que contrasta com a do cepticismo trocista que Carlos Azevedo Mendes reconheceu ter marcado a sua posição inicial face às visões dos pastorinhos.

### ***60 anos depois de Fátima: Carta de Vitória Sirgado a seus netos***

No mesmo dia, mês e ano de 1917, Vitória Antunes Sirgado, de 23 anos, futura cunhada de Carlos Azevedo Mendes (pelo casamento, em 1919, com seu irmão Cândido - que tinha o mesmo nome do irmão mais velho, sacerdote jesuíta), era também testemunha do que passou à história com o nome de «Milagre do Sol».

---

<sup>46</sup> Na casa dos Soudos, viviam também, na altura ainda solteiros, os seus irmãos Augusto de Azevedo Mendes e Cândido de Azevedo Mendes. O primeiro integrava então o Corpo Expedicionário Português, na primeira guerra mundial; o segundo encontrava-se em viagem de negócios, em Espanha, conforme o confirma uma guia de marcha passada em Vila Nova de Cerveira, datada de 21 de agosto de 1917, autorizando a passagem para Espanha de Cândido de Azevedo Mendes, «solteiro, proprietário, natural de Soudos – Torres Novas».



**Fig. 5 - Os três irmãos Azevedo Mendes e respectivas mulheres.**

Da esquerda para a direita: Carlos Azevedo Mendes e Maria dos Prazeres, Cândido Azevedo Mendes e Vitória e Augusto Azevedo Mendes e Maria Isabel [Arquivo particular da Família Azevedo Mendes]

E será também na mesma casa dos Soudos (um espaço que ambos habitaram em circunstâncias diversas e tempos desfasados) e por carta (tal como, sessenta anos antes, o cunhado o fizera à sua futura mulher), que exporá aos seus trinta e seis netos e vinte e um bisnetos o que presenciou em Fátima, com o objectivo de testemunhar a fé mariana.

O testemunho de Vitória Sirgado Azevedo Mendes, diferido sessenta anos no tempo, não revela o ritmo entusiasta e alvoroçado que se sente na carta de Carlos de Azevedo Mendes a sua noiva, nem se detém tão longamente em pormenores da viagem. É uma carta muito centrada e focada no seu próprio testemunho, sem desvios de assunto. As circunstâncias da escrita eram, aliás, muito diversas, pois Carlos Azevedo Mendes, em 1917, estava noivo de Maria dos Prazeres, e a carta assumiu, neste caso, quer um carácter informativo, quer uma forma de comunicação e namoro com a noiva, a quem, aliás, escrevia todos os dias<sup>47</sup>.

Já Vitória Sirgado Azevedo Mendes (entretanto cunhada de Carlos Azevedo Mendes pelo casamento com o seu irmão Cândido em 3 de Junho de 1919) não narrara nunca a sua experiência por carta, embora o tivesse feito oralmente, comentando os factos, pois de outro modo não se explicaria o empréstimo do jornal *O Século* a várias pessoas, até se perder nessa rede de relações sociais e espirituais que com elas estabeleceu. O seu testemunho tão adiado poderá expressar o receio que alguma vez terá sentido de expor por escrito matéria

<sup>47</sup> «Tenho escrito todos os dias ao Amor» (*Documentação Crítica de Fátima*, Doc. 7, p. 46).

complexa e perigosa, durante tanto tempo sentida como pouco ortodoxa. Lembre-se que só em 13 de Outubro de 1930 a Carta Pastoral «A Providência Divina», do então Bispo de Leiria,<sup>48</sup> confirmou a autenticidade e legitimidade das Aparições, processo este que foi o corolário de vários momentos que certamente inquietaram a fé de quem testemunhou os acontecimentos de Fátima, como o assassinato de Sidónio Pais a 14 de Dezembro de 1918, a proibição das peregrinações a Fátima pela Guarda Nacional Republicana em 1920, a dinamitação da Capelinha das Aparições a 6 de Março de 1922, etc. Só a partir do golpe de Estado de 1926 é que a situação se foi paulatinamente recompondo, até chegar à legitimação de 1930, treze anos após as Aparições, um número que não deixa de ser simbólico, no contexto fatimita...

Os netos de Vitória Sirgado frequentemente lhe fizeram perguntas sobre as Aparições, pedindo-lhe que contasse o que viu, mas ela evitava às vezes a questão, sobretudo quando não estava em ambiente que permitisse o clima que entendia adequado ao tema, respondendo que não eram assuntos para serem falados de ânimo leve ou que não eram matérias para a idade deles. No entanto, em privado, sobretudo quando já eram adolescentes, narrava-lhes a ida a Fátima em 1917. Muitos netos guardam ainda na memória a Avó, com os braços no ar e a mexer as mãos, para explicar o movimento do Sol que parecia ir despenhar-se na Terra....

Esta reacção deixa transparecer a seriedade com que Vitória Sirgado encarou as visões da Cova da Iria, razão pela qual não terá querido fazer da experiência tão marcante da sua ida a Fátima em 1917 uma história banal, das que se contam à lareira em noites de frio. Por isso, a sua carta revela o quanto não foi espontânea, mas pensada e maturada, a sua decisão de escrever: «Tenho pensado por vezes, em consciência, esclarecer-vos o que foi o milagre do Sol, como eu tive a graça de poder ver em Fátima no dia 13 de Outubro no ano de 1917»<sup>49</sup>.

De facto, foram os insistentes pedidos do seu filho mais velho, José Cândido, que a decidiram a tomar a iniciativa de registar o seu testemunho por escrito, numa carta aos netos, após várias vezes ter debatido consigo mesma o dever de o fazer ou não. A sua carta constitui um testemunho que se afigura e se impõe como um testamento ou legado espiritual de quem decidiu não morrer sem deixar materializado, em papel e pela sua própria letra, o registo do extraordinário fenómeno a que assistiu, fixando a memória oral numa

<sup>48</sup> A diocese de Leiria estava extinta desde Setembro de 1882. Foram os acontecimentos de Fátima que levaram à nomeação de um Bispo para Leiria, o que acontece em 25 de Julho de 1920, com a designação de D. José Alves Correia da Silva. Nessa Carta Pastoral, D. José declarava «dignas de crédito as visões das crianças na Cova da Iria, freguesia de Fátima, desta diocese, nos dias 13 de Maio a Outubro de 1917», autorizando «oficialmente o culto a Nossa Senhora de Fátima» (*Documentação Crítica de Fátima*, Doc. 133, p. 550).

<sup>49</sup> Ver Anexo 1.

materialidade que perpetua no tempo, impedindo imprecisões e quaisquer ambiguidades ou versões alteradas do que tinha sido a experiência que vivera e que contara tantas vezes. A sua vontade de precisão e objectividade é notória: «Alguns diziam que viam anjinhos, outros que viam uma luz muito brilhante. Eu e a minha irmã só vimos o que posso afirmar».

A noção da dificuldade em contar o que só quem presenciou podia ter sentido é explícita: «Bem desejava poder verdadeiramente descrever estes momentos, mas é-me impossível»<sup>50</sup>.

Comparando esta carta com a de Carlos Azevedo Mendes, nota-se uma emoção imensa, que mesmo a distância das décadas não esmoreceu. Sobretudo porque, diferentemente do que acontecera com Carlos Azevedo Mendes, que não fora a Fátima em 13 de Julho, Vitória Sirgado contemplara também, nesse mês de verão, aquilo que comparou a «uma chuva de folhas brancas, fazendo lembrar pétalas de flor de amendoeira ou pequeninas bolas de sabão que iam e vinham desaparecendo». Na sua descrição, as repetições, as exclamações e a devoção apresentam uma formulação mais feminina, menos argumentativa (talvez porque acreditou de imediato no “milagre”) e mais emocionada:

*No meio de tanta comoção a minha irmã caiu desmaiada sobre os meus braços, pelo que não me foi possível contar bem ao certo as vezes que o majestoso Sol subia e descia, creio que foram três. Movimento de grandeza divina. Só Deus podia permitir o que nos foi concedido observar.*

Os adjectivos e os diminutivos são muito mais impressivos da emoção sentida e do fascínio (não do terror ou medo que vários relatos expressam<sup>51</sup>) que conseguiu ver no fenómeno meteorológico que presenciara. O mesmo recurso a diminutivos<sup>52</sup> usara Carlos de Azevedo Mendes, mas no contexto de uma carta à noiva, cheia de ternura e tratamentos carinhosos («minha filhinha», «amorzito», «minha Prazeres»), num registo apaixonado e afectivo, direccionado para um interlocutor feminino e muito próximo afectivamente, onde o tratamento por tu oscila com a terceira pessoa do singular, numa demonstração de mimo. Nesse sentido, Vitória Sirgado não usa um registo afectuoso, mas sério, embora a sua sensibilidade feminina se detenha nos «tenros raminhos» da azinheira, essa árvore «muito redondinha». A apreciação do que viu foi sempre acompanhada por um

<sup>50</sup> Ver Anexo 1.

<sup>51</sup> Mesmo o testemunho de José de Almeida Garrett revela um impacto algo assustador dos fenómenos de 13 de Outubro sobre o Professor de Coimbra, apesar da serenidade que insiste em realçar, no testemunho que enviou ao Padre Formigal: «A sensação durante esses momentos foi verdadeiramente terrível». *Documentação Crítica de Fátima*, Doc. 29.

<sup>52</sup> Note-se que o uso de diminutivos é comum, naquela região, a homens e mulheres, sobretudo com o sufixo «ito».

sentimento de percepção de beleza, pois os movimentos do Sol sucediam-se «num ambiente de todas as lindas cores do arco-íris».

De facto, a propósito da ida a Fátima a 13 de Julho, Vitória Sirgado afirma:

*Em dada altura a Lúcia disse: Lá vem Nossa Senhora!. Momentos bem impressionantes.*

*Durante esse tempo, a Lúcia estava como num êxtase, e os pastorinhos edificavam pelo que havia neles de sobrenatural.*

*Rezava-se mais alto, choravam, e a multidão excitadíssima pedia graças à Mãe do Céu ali tão perto de nós.*

*Alguns diziam que viam anjinhos, outros que viam uma luz muito brilhante. Eu e a minha irmã só vimos o que posso afirmar. Pelo ar em volta da azinheira aonde Nossa Senhora estava, via-se como uma chuva de folhas brancas, fazendo lembrar pétalas de flor de amendoeira ou pequeninas bolas de sabão que iam e vinham desaparecendo, até que a Lúcia disse que Nossa Senhora já tinha subido ao Céu. Momentos bem impressionantes.*

*Outra coisa muito singular e que todos puderam ver. A azinheira aonde a Virgem desceu depois apresentava os seus tenros raminhos todos deitados como se tivessem passado sobre eles. Era uma pequena árvore muito redondinha que foi desaparecendo pois todos colhiam um raminho como relíquia<sup>53</sup>.*

A vontade de que nenhum destes episódios relatados pudesse vir a ser entendido posteriormente fora da esfera da graça sobrenatural em que os enquadrava é bem patente na carta, que, por este meio, procura construir uma base sólida e estruturante de uma espiritualidade mariana entre a sua família.

*Pelo poder de Deus, o Sol tornou-se uma placa luminosa, mas que se podia fixar, tinha um tamanho muito maior, parecia que se deslocava do firmamento. Começou nuns grandes movimentos de rotação como uma roda de fogo de artifício. Nestes movimentos descia à terra e subia novamente, num ambiente de todas as lindas cores do arco-íris, desde o vermelho, amarelo, laranja, lilás, rosa, azul e verde.*

*(...)*

*Agradecendo a Nossa Senhora a grande graça que nos acabava de conceder, voltámos mais cheios de Fé e confiança em Deus, pelo seu infinito poder. Um aparte, mas como este muitos se repetiam. Quando regressávamos o nosso cocheiro dizia: Depois disto tudo ainda há quem diga que não há Deus!*

---

<sup>53</sup> Ver Anexo 1.

O enxerto da reação do cocheiro que as transportava parece ser um «aparte» de confirmação, mas é também a exemplificação do quanto homens como mulheres, pessoas mais rudes como as mais sensíveis tinham ficado vivamente impressionadas com o que presenciaram. De facto, particularmente em relação ao que ficou conhecido como o «milagre do Sol», Vitória Sirgado Azevedo Mendes procura credibilizar e legitimar o que os seus olhos viram, bem como a esperança que tinha renascido nas pessoas que ela conheceu (daí o exemplo do cocheiro). Alude às notícias do que acontecera, publicadas pela imprensa, no artigo do jornal *O Século*, «um jornal bem jacobino» e, por isso, insuspeito.

*Tantas vezes emprestei o jornal que por lá ficou, pois seria hoje um grande testemunho da verdade.*

*Espero, queridos netos, que não duvidem do que vos exponho tão simplesmente, mas com toda a verdade, desejando que sejais sempre cumpridores dos vossos deveres para com Deus e verdadeiros filhos e amigos da nossa boa Mãe do Céu<sup>54</sup>.*

Face a este «milagre do Sol»- como o designou o povo, a imprensa e a Igreja, por falta de instrumentos explicadores da sua essência-, as cartas de testemunhas oculares tiveram força de legitimação *de visu*, ora num contexto familiar<sup>55</sup>, ora entre sacerdotes<sup>56</sup>, ora com carácter de depoimento científico, como é o caso da carta do Dr. José de Almeida Garrett, advogado e filho de Gonçalo Xavier de Almeida Garrett, lente de Ciências em Coimbra, a quem o Padre Formigão solicitara o relato escrito, por sugestão de seu pai<sup>57</sup>. Nessa carta de José Maria Garrett (Professor na Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra), datada de 18 de Dezembro de 1917, descortinam-se já, através de um olhar que o emissor faz questão de descrever como desapassionado e desprovido de emoção, alguns elementos que constituiriam a chave para a interpretação do fenómeno, se tal fenómeno fosse, nessa altura, passível de explicação científica.

<sup>54</sup> Ver Anexo 1.

<sup>55</sup> Ver, por exemplo, a carta de um Pai a uma Filha, datada de Torres Novas, 13 de Novembro de 1917, escrita por João Maria Lúcio Serra (*Documentação Crítica de Fátima*, Doc. 25, pp. 132-13).

<sup>56</sup> Ver o final da carta do Padre Manuel Pereira Silva, pároco do Redondo, ao Padre António Pereira de Almeida, da paróquia de Mata Mourisca, no concelho de Pombal, na própria noite de 13 de Outubro de 1917, onde em *post scriptum*, faz o seguinte pedido: «Leia ao Padre Alexandre<sup>7</sup> (trata-se de Joaquim Duarte Alexandre). *Documentação Crítica de Fátima*, Doc. 12, p. 71).

<sup>57</sup> «Meu filho José Maria não se nega a fazer uma narração do que presenciou em Fátima, segundo ele me disse. Mas faria mais força se V. Ex.<sup>a</sup> lhe escrevesse uma carta directamente, fazendo o pedido, não dizendo que foi indicação minha!» (Carta de Gonçalo Almeida Garrett ao Padre Manuel Nunes Formigão, que lhe havia solicitado um testemunho escrito, datada de Castelo-Branco, 3 de Dezembro de 1917 in *Documentação Crítica de Fátima*, Doc. 28, pp. 146-148).

*Todos os fenómenos que descrevi foram observados por mim num estado de mente calmo e sereno sem nenhuma perturbação emocional. Cabe aos outros interpretá-los e explicá-los. Finalmente, tenho que declarar que nunca, antes ou depois de 13 de Outubro [1917], observei semelhante fenómeno solar ou atmosférico*<sup>58</sup>.

Mas ainda não era o tempo de a ciência explicar estes factos. Hoje, dados comparativos cruzados com outros fenómenos semelhantes, ocorridos sobretudo em momentos de tornados, permitiram que a Física descrevesse o que então foi visto como um milagre. De facto, no campo da meteorologia, há um fenómeno bastante invulgar, designado por «lente de ar», que é a única via de explicação científica para o que se passou na Cova da Iria. Se se atentar na carta de José Almeida Garrett, aí se refere que «o Sol, uns momentos antes, tinha penetrado a camada espessa de nuvens que o escondiam e agora brilhava claro e intensamente.» De facto, quase todos os relatos destas cartas referem a nebulosidade. Ora, o que aconteceu terá sido foi a conjugação improvável de nuvens de tipo cirro<sup>59</sup> (curiosamente, referidas nesse testemunho de José de Almeida Garrett: «a abóbada celeste estava enevoadada de cirros leves, tendo frestas de azul aqui e acolá, mas o Sol algumas vezes se destacou em rasgões de céu limpo»<sup>60</sup>) com nuvens de baixa altitude (feitas de partículas de água no estado líquido). Simultaneamente, um conjunto de ventos com uma orientação determinada terão movido as partículas de água e gelo numa roda espiralada, que por sua vez terá gerado um feixe de cores cintilantes, por efeito da refacção da luz na água, gerando simultaneamente um raro efeito de lente, que explica que as pessoas tivessem percepcionado o Sol muito grande. Esta é a opinião do Padre Stanley Jaki, teólogo e cientista<sup>61</sup>, que sustenta que «a sudden temperature inversion must have taken place. The cold and warm air masses could conceivably propel that rotating air lens in an elliptical orbit first toward the earth, and then push it up, as if it were a boomerang, back to its original position. Meanwhile the ice crystals in it acted as so many means of refraction for the sun's rays...»<sup>62</sup>.

<sup>58</sup> *Documentação Crítica de Fátima*, Doc. 29, pp. 149-152.

<sup>59</sup> Cirro: nuvem formada por cristais de gelo e situada a cerca de 10.000 m de altitude.

<sup>60</sup> *Documentação Crítica de Fátima*, Doc. 29, p. 151.

<sup>61</sup> O Padre beneditino Stanley Jaki é doutorado em Teologia Sistemática pelo Instituto Pontifício de S. Anselmo, em Roma, e em Física, pela Universidade de Fordham, em Nova Iorque.

<sup>62</sup> JAKI, Stanley L. – *God and the sun at Fatima*. Ob. cit. Não faz parte dos objectivos deste trabalho deter-se nas especificidades dos fenómenos ocorridos a 13 de Outubro. De qualquer forma, a posição do Padre Stanley Jaki é interessante, na medida em que o teólogo não nega o milagre (“in producing miracles God often makes use of a natural substratum by greatly enhancing its physical components and their interactions”), mas descreve o fenómeno meteorológico que ocorreu em Fátima em termos científicos: “Prior to that hour rain was coming down heavily over the area from the late morning hours on, with the clouds being driven fast by a westerly wind across

## *Dos nós às redes, do indivíduo à colectividade*

De facto, nesta correspondência, de acordo com a teoria das redes, Vitória Sirgado e Carlos Azevedo Mendes constituem elementos nodais desta actuação que envolveu os destinatários aos seus destinatários, numa interacção que lhes revela a identidade. Nela, os Soudos aparecem como um local onde experiências espirituais sentem necessidade de se comunicar à família: à noiva, ao irmão, aos netos, no sentido de perpetuar e confirmar algo de inusitado, não pela defesa do inusitado em si, mas pela convicção de que cada um deles, à sua maneira, experienciara vivências espirituais únicas.



**Fig. 6 - Carlos de Azevedo Mendes e Maria dos Prazeres** (destinatária da 1ª carta de Carlos e impulsadora da sua primeira ida a Fátima)[Arquivo particular da Família Azevedo Mendes]



**Fig. 7 - Padre Cândido de Azevedo Mendes, S. J.** (destinatário da 2ª carta de Carlos, depois das Aparições de 13 de Outubro)[Arquivo particular da Família Azevedo Mendes]

---

the sky. A cold air mass was obviously moving in from the Atlantic, only at about 40 kms from Fatima, which itself is at about 15 kms to the east from the line where the land begins to form a plateau well over 300 meters above sea level. The hollow field, Cova da Iria, outside Fatima is itself at about 370 meters. An actual view of the geographic situation is a great help for an understanding of the true physical nature of “the miracle of the sun,” especially when one takes a close look at cloud patterns typical over the Cova.

I feel that at this juncture I must summarize my explanation of the miracle. It began at about 12:45 pm, solar time, after the rain suddenly stopped, and lasted about ten to fifteen minutes. During all that time, the sun, that had not been seen for hours, appeared through thin clouds, which one careful observer described as cirrus clouds. Suddenly the sun's image turned into a wheel of fire (...). The physical core of that wheel was, as we now have to conjecture, an air lens full of ice crystals, as cirrus clouds are. Such crystals can readily refract the sun's rays into various colours of the rainbow” (JAKI, Stanley L. – *A Mind's Matter*. Cambridge U.K.: William B. Eerdmans Publishing Company, 2002, cap. 13 – “A Portuguese Proverb”. Disponível em <<http://www.catholicstand.com/fr-stanley-jaki-on-the-fatima-miracle/>>[consultada em 2014 e revisitada em 2017].

Se algumas destas cartas referidas que se publicaram na *Documentação Crítica de Fátima* (à excepção da carta de Vitória Sirgado Azevedo Mendes, que transcrevemos em anexo e até agora inédita), foram escritas às vezes a pedido do Padre Formigão ou a ele recomendadas (como a de Gonçalo de Almeida Garrett, que sugere ao Padre Formigão que peça explicitamente ao seu filho José que testemunhe por escrito), as cartas de Carlos Azevedo Mendes e a de Vitória Sirgado foram escritas apenas em circuito familiar, por iniciativa dos próprios e não encomendadas pela hierarquia eclesial ou a ela endereçadas.

É, hoje, mais do que certo que terão sido divulgadas num círculo mais alargado do que o inicialmente pensado, sobretudo a carta enviada ao Padre Cândido, que foi objecto de cópia. A carta a este irmão jesuíta foi copiada mais do que uma vez, e o próprio Carlos Azevedo Mendes confirmou ser seu o texto que uma religiosa lhe apresentou, que constava de uma dessas cópias. E por isso a autenticou, colocando-lhe a sua assinatura<sup>63</sup>. Sendo nó<sup>64</sup> da troca epistolar, Carlos Azevedo Mendes reforçou o seu papel, ao assinar uma cópia do manuscrito que enviara anos antes a seu irmão, confirmando a rede e dinamizando-a de novo entre aqueles que a leriam fora do seu contexto inicial.

Por seu lado, o Padre Cândido não se fechou como único destinatário da carta que recebeu, tendo-a dado a copiar a alguém que, através dela, estabeleceu laços que fortaleceram a actividade de legitimação das Aparições. A sua ligação a Fátima não se consegue ainda captar em toda a sua extensão, mas foi ele quem presidiu à profissão religiosa de Lúcia, em Tuy, em substituição de D. José Alves Correia da Silva, impossibilitado de comparecer por motivos «de força maior»<sup>65</sup>. O objectivo de Carlos Azevedo Mendes foi partilhar a sua experiência de fé desafiada, quer com a noiva, quer com o irmão, que por sua vez se tornarão, ambos, nós de outras redes que não estamos neste momento em situação de controlar. De Carlos Azevedo Mendes outras cartas terá havido, certamente, para amigos e parentes, no sentido de dinamizar as peregrinações a Fátima, de accionar a construção de uma capelinha e de uma basílica, de proteger o

<sup>63</sup> A confirmação de Carlos Azevedo Mendes foi feita a 28 de Novembro de 1954, altura em que a Irmã Maria do Carmo Lopes da Fonseca lhe mostra a cópia que encontrara no arquivo do Cônego Formigão, quando se encarregara de transferir a sua biblioteca de Santarém para Fátima. A presença desta carta no espólio pessoal do Padre Formigão confirma a rede de relações estreitas que, no âmbito de Fátima, o ligavam aos irmãos Azevedo Mendes. Aliás, o Padre Formigão tinha estado presente em Tuy, quando Lúcia recebeu os votos temporários como religiosa da Congregação de Santa Doroteia, em 3 de Outubro de 1928, numa cerimónia presidida justamente pelo Padre Cândido Azevedo Mendes.

<sup>64</sup> «Social network theory views social relationships in terms of nodes and ties. Nodes are the individual actors within the networks, and ties are the relationships between the actors. There can be many kinds of ties between the nodes. In its most simple form, a social network is a map of all of the relevant ties between the nodes that are being studied». Para uma mais completa e desenvolvida percepção deste conceito de rede, ver SCOTT, J. – *Social Network Analysis: A handbook*. Second edition. London: Sage, 2000).

<sup>65</sup> *Documentação Crítica de Fátima*, Doc. 120, p. 467.

santuário e os peregrinos de quem, no início, não aceitava o culto mariano em Fátima.



**Fig. 8– Carlos Azevedo Mendes segurando a imagem da Virgem de Fátima, em Fátima** [Arquivo do Santuário de Fátima].

Só assim se entende toda a sua acção de divulgador dos fenómenos de Fátima. A sensação de que era portador de uma boa nova, que aparece no final da carta ao irmão, será o elo impulsor da acção católica de Carlos de Azevedo Mendes, que foi um dos membros fundadores da Pia União de Servitas de Nossa Sr.<sup>a</sup> de Fátima, integrando o primeiro corpo de voluntários que prestou formalmente serviço em Fátima, a partir de 1924 (e logo desde 1917, ainda que de modo informal), muito antes das visões dos pastorinhos serem decretadas «dignas de crédito» e legitimadas pela Carta Pastoral de 1930. Durante o tempo em que a capelinha das Aparições foi alvo de dinamitações e ofensivas várias, Carlos Azevedo Mendes constituiu sempre uma voz activa e actuante na denúncia dos ataques anticlericais e no fortalecimento progressivo da Cova da Iria como lugar de peregrinações, oração, fé e culto mariano. A sua relação com Fátima foi fundacional, convicta, dinâmica e sistemática.



**Fig. 9 e 10 - Carlos Azevedo Mendes, Servita em Fátima. A sua figura com as correntes de couro (para ajudar ao transporte de macas) tornou-se emblemática em Fátima, como o confirma esta imagem de um postal ilustrado sem data, de que se reproduz também o verso** [Arquivo particular da Família Azevedo Mendes].

Aliás, não deixa de ser curioso como a Casa dos Soudos e os seus familiares estiveram sempre, de algum modo, associados à espiritualidade fatimita. A 13

de Maio de 1928, D. Manuel Mendes da Conceição Santos<sup>66</sup>, arcebispo de Évora e primo de Carlos,<sup>67</sup> benzerá a primeira pedra da Basílica do Rosário, encontrando-se Carlos Azevedo Mendes na primeira linha da assistência.



**Fig. 11- Carlos Azevedo Mendes na ponta esquerda, com as correntes de couro de Servita. Ao centro, com mitra, D. Manuel Mendes da Conceição Santos** [Arquivo do Santuário de Fátima].

Da relação com Alberto Dinis da Fonseca (primo de um seu cunhado e muito ligado aos irmãos Azevedo Mendes), também activista do círculo do C.A.D.C., quando Azevedo Mendes por lá andou, resultou certamente a impressão das primeiras gravuras referentes a Fátima. Dinis da Fonseca<sup>68</sup> terá cunhado ainda as primeiras medalhas<sup>69</sup> e fundou o periódico *A Voz de Fátima* (1922). Não sabemos se Dinis da Fonseca terá ou não sido testemunha

ocular dos acontecimentos de Fátima, mas o que é certo é que entrou na rede espiritual construída por Carlos de Azevedo Mendes, iniciada na carta que escreveu a sua noiva e, certamente, contando também com o apoio dinamizador desta última, uma vez que foi por sua insistência que Carlos A. Mendes se dirigiu a Fátima a 7 de Agosto. Talvez a rede iniciada por Carlos de Azevedo Mendes tenha recorrido a solidariedades antigas, de contextos semelhantes, em que era necessário agir para reagir e construir.

A partir de Outubro de 1917, Carlos Azevedo Mendes passa a ir

<sup>66</sup> Nascido em 1876 em Pé-de-Cão (no concelho de Torres Novas), localidade contígua aos Soudos e, posteriormente, com casa nos Soudos. D. Manuel é uma figura incontornável da Igreja portuguesa. Doutorou-se em Teologia em Roma, onde foi condiscípulo do futuro Papa Pio XII, com quem manteve relações de amizade ao longo de toda a vida. Foi o fundador do jornalismo católico regional e distinguiu-se pela acção pastoral à frente da Diocese de Évora, de que foi Arcebispo a partir de 1921. Morreu em 1955.

<sup>67</sup> O pai de D. Manuel Mendes da Conceição Santos era primo direito de Manuel Marcos Mendes, pai de Carlos de Azevedo Mendes.

<sup>68</sup> Em 1920, Carlos de Azevedo Mendes é Provedor da Misericórdia de Torres Novas, tendo na Mesa do Definitório Alberto Dinis da Fonseca. Em 1925, Dinis da Fonseca é eleito Deputado, passando a direcção do *Jornal Almonda* para Carlos Azevedo Mendes, que a assegurará até 1962, data da sua morte.

<sup>69</sup> RAMOS, Rui; MATTOSO, José – *História de Portugal*. Ob. cit., p. 560.

frequentemente a Fátima, orientando e controlando as multidões de peregrinos que lá acorriam e que iam fazendo de Fátima um local privilegiado de devoção. Às suas insistências se deve, supostamente, a propaganda do milagre de Fátima promovida por Manuel Nunes Formigão, professor do Seminário de Santarém, segundo propõe Rui Ramos, em *História de Portugal*<sup>70</sup>.

Em 1918, no contexto da gripe pneumónica, Lúcia encontrava-se muito debilitada de saúde e exausta das constantes visitas, interrogatórios, ameaças e pressões decorrentes do seu estatuto de vidente de Fátima. Carlos Azevedo Mendes, conforme Lúcia recorda no segundo volume das suas *Memórias*, apareceu em sua casa, com intenção de a levar daquele meio e pagar-lhe os estudos, ficando ela a viver com ele e sua mulher. A mãe de Lúcia entusiasmou-se com a ideia, mas o pai opôs-se, e Lúcia foi apenas passar uns dias a casa do advogado: «Durante a minha estadia aí repousei e recuperei bastantes forças», recorda. E também visitou pessoas que pediam a sua presença a Carlos Azevedo Mendes. Entre eles contava-se um Sr. Gilberto, que segundo narra Lúcia «foi quem mandou fazer a imagem de Nossa Senhora, que agora se venera na capelinha das aparições»<sup>71</sup>. Por aqui se percebe que a ida de Lúcia para casa de Carlos Azevedo Mendes e de sua mulher Maria dos Prazeres de alguma forma aguçou contactos, testemunhos, devoções que conduzirão à oferta da imagem da Virgem (fabricada em Braga por José Ferreira Thedim) por parte de Gilberto Fernandes dos Santos, que toma esta decisão de oferecer a Fátima uma imagem de Nossa Senhora - construída com base nas orientações da própria Lúcia - logo no ano seguinte a esta estadia<sup>72</sup>.

Deste modo, as duas cartas escritas por Carlos de Azevedo Mendes foram fundacionais da intensa rede de espiritualidade mariana e fatimita que desenvolveu ao longo da sua vida<sup>73</sup>, em que Fátima esteve sempre no centro da sua devoção e ação. A sua imagem no postal ilustrado, servindo os peregrinos como Servita, é emblemática da associação da sua presença ao culto da Virgem de Fátima. Será assim que o veremos sempre, ora acolhendo os peregrinos e cuidando dos doentes, ora ajudando o próprio Bispo D. José, nas suas dificuldades de locomoção.

<sup>70</sup> RAMOS, Rui; MATTOSO, José – *História de Portugal*. Ob. cit., p. 559.

<sup>71</sup> SANTOS, Lúcia de Jesus – *Memórias da Irmã Lúcia II*. Compilação de KONDOR, Pe. Luís, SVD. Introdução e notas de CRISTINO, Pe. Dr. Luciano. Fátima: Secretariado dos Pastorinhos, 2010, p. 148.

<sup>72</sup> A imagem chegou a Torres Novas em inícios de Maio de 1920.

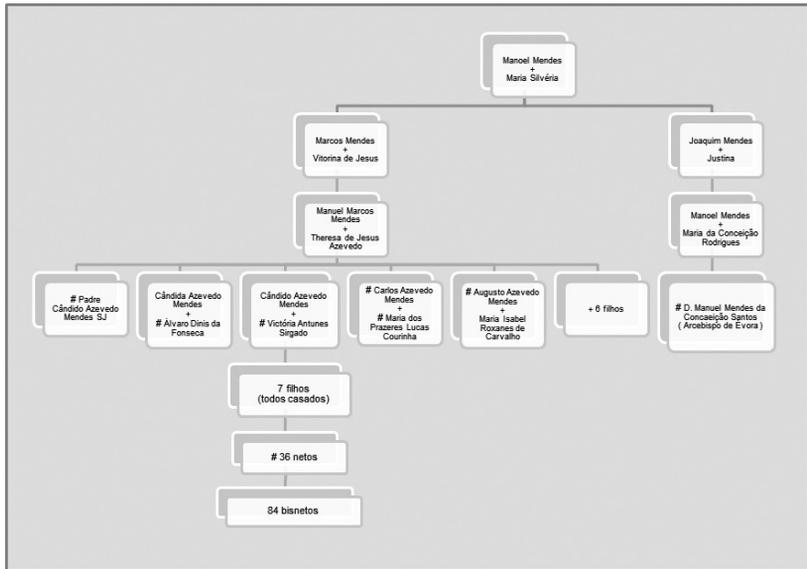
<sup>73</sup> Em 9 de Dezembro de 1946, Carlos Azevedo Mendes, enquanto deputado da Assembleia Nacional, propôs que o dia 8 de Dezembro passasse a ser feriado religioso, na continuidade da devoção à Imaculada Conceição que, desde 1646, com D. João IV, fora sempre vista como a padroeira da nacionalidade portuguesa (Cf. «Intervenção de 9 de Dezembro de 1946». *Diário das Sessões da Assembleia Nacional*, sessão n.º 61, 1946, pp. 48–9).



**Fig. 12 - Carlos Azevedo Mendes à esquerda. Ao centro, D. José Alves Correia da Silva, em cadeira de rodas. No final da vida, o Bispo teve dificuldades de locomoção, ao que se supõe resultantes do tempo em que esteve em prisão política, nos tempos da Primeira República [Arquivo particular da Família Azevedo Mendes].**

Face à sua cunhada Vitória, Carlos de Azevedo Mendes desenvolveu uma rede espiritual sustentada simultaneamente pelas conexões político-sociais e profissionais que foi desenvolvendo, quer como Presidente da Câmara de Torres Novas, quer como Procurador à Câmara Corporativa<sup>74</sup> enquanto representante das Misericórdias, quer como director do jornal *O Almonda*, etc. Todo o seu percurso profissional adensou a rede que inicialmente estabelecera por carta apenas com Maria dos Prazeres e o seu irmão jesuíta. Esta rede inicialmente familiar foi-se alargando a outros membros, como o Cónego Formigão, o Dr. Alberto Dinis da Fonseca (primo do cunhado de Carlos), o futuro Arcebispo de Évora D. Manuel Mendes da Conceição Santos (primo em segundo grau de Carlos Azevedo Mendes), juntamente com muitos outros amigos de Torres Novas. Mas, essencialmente, a rede partiu muito de um círculo familiar, ora próximo, ora mais afastado.

<sup>74</sup> Para uma análise da actividade de Carlos de Azevedo Mendes na Câmara Corporativa, veja-se MOURÃO, Manuel – *O percurso político de Carlos Azevedo Mendes como Procurador à Câmara Corporativa (1935-1938) e Deputado à Assembleia Nacional (1945-1957)*. «Revista Nova Augusta» 28, Torres Novas, (2016), pp. 12-32.



**Fig. 13 – Árvore genealógica de Carlos de Azevedo Mendes, onde se cruzam Vitória Antunes Sirgado, D. Manuel Mendes da Conceição Santos, o Padre Cândido S.J., Maria dos Prazeres e o primo de Alberto Dinis da Fonseca. Assinalou-se com # cada um dos membros da família com repercussões na rede, destacando-se o facto de que pertencem todos à mesma geração.**

Quando, em 9 de Janeiro de 1929, as imagens da Sr.<sup>a</sup> de Fátima são distribuídas em Roma, pelo Papa Pio XI, aos alunos do Pontifício Colégio Português de Roma, que acolheu em audiência, o Papa declarou ter recebido as estampas naquele mesmo dia, vindas de Portugal. Não sabemos até que ponto não terá sido pela mediação de D. Manuel Mendes da Conceição (amigo do Papa e primo de Carlos de Azevedo Mendes) que lá terão chegado.

Quanto a Vitória Sirgado, ligada por vínculos familiares a vários nós da construção da espiritualidade de Fátima (cunhada de Carlos, prima por afinidade de D. Manuel Mendes da Conceição Santos, cunhada do primo de Alberto Dinis da Fonseca...), os laços da sua rede de consolidação da espiritualidade fatimita foram de natureza diversa, mais na esfera da casa, das relações de amizade e de família, das conversas com pessoas amigas ou vizinhas. Escrevendo já no final da sua vida, não refere, na sua carta aos netos, o tio que eles conheceram, não se apoia nessa rede iniciada por Carlos de Azevedo Mendes, nem aponta, para

conquistar o crédito dos netos, mais ninguém senão a si mesma<sup>75</sup>. Na altura em que escreve, Fátima era já um facto de extensão mundial, sem precisar de ser consolidado por mais testemunhos. Mas a convicção de que o tempo (e os tempos...) poderia fazer descreer os seus descendentes de algo em que entranhadamente acreditou, por ter sido testemunha ocular, levou-a a deixar aos seus muitos netos e bisnetos este testamento espiritual, na expectativa de que acreditassem nela, ainda que pudessem não acreditar em outros: «Espero, queridos netos, que não duvidem do que vos exponho tão simplesmente, mas com toda verdade, desejando que sejais sempre cumpridores dos vossos deveres para com Deus e verdadeiros filhos amigos da nossa boa Mãe do Céu».

Poder-se-ão exemplificar os laços destas redes iniciadas por carta, através dos seguintes gráficos, que ilustram a coesão estrutural entre os diferentes membros:

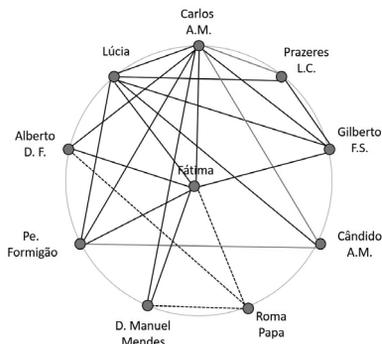


Fig. 14 – Gráfico explicitando a rede iniciada por Carlos de Azevedo Mendes, com os nós (a vermelho) e os laços estabelecidos entre os vários intervenientes na divulgação e legitimação do fenómeno de Fátima. A verde estão os laços que se estabeleceram por carta.

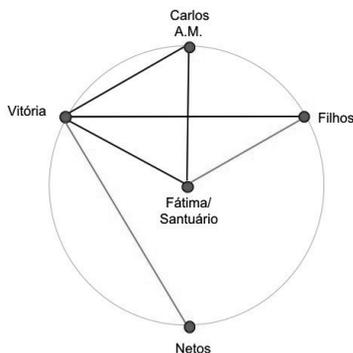


Fig. 15 - Gráfico explicitando a rede iniciada por Vitória Antunes Sirgado, com os nós (a vermelho) e os laços estabelecidos entre os vários intervenientes na divulgação e legitimação do fenómeno de Fátima. A verde estão os laços que se estabeleceram por carta.

<sup>75</sup> Este facto é tanto mais curioso quanto, ao relatar a sua experiência a entrevistadores do santuário, que se dirigiram a sua casa para a interrogar, depois de terem tido conhecimento desta sua carta, Vitória Sirgado Azevedo Mendes refere Carlos Azevedo Mendes: «o meu cunhado, o primeiro Servita em Fátima, trazia a Jacinta às costas» (Ver Anexo 1). O Santuário ficou de marcar data para repetirem a entrevista, desta vez filmando-a. Mas Vitória Azevedo Mendes morreria entretanto. O postal de seu filho, enviado ao Dr. Luciano Cristino, confirma o que aqui se diz (ver Anexo 2).

Com estas três cartas, tem-se uma abordagem que, de algum modo, demonstra a força das redes, ainda que surpreendidas apenas num dos seus momentos iniciais. Elas são interessantes sobretudo por não resultarem de solicitações exteriores, feitas oficialmente pela Igreja; e porque, de alguma maneira, revelam a força da iniciativa dos leigos na construção de laços que foram tornando possível o reconhecimento de Fátima ou, antes, que foram materializando a possibilidade de concretizar as expectativas e fervor dos portugueses em relação às Aparições, tornando viável a sua deslocação à Cova da Iria, ainda antes da oficialização do culto da Senhora de Fátima, em 1930.

## ANEXOS

## ANEXO 1 – Carta de Vitória Sirgado de Azevedo Mendes (inédita), seguida da sua transcrição

Meus queridos avós

Tinha formado por vós em consciencia, e de  
 vós - e que foi o vilage de col, avós eu  
 tive a graça de poder ver um Fatima no dia  
 13 de Outubro no ano de 1917. Porém por toda  
 a Portugal, a grande cretira de que houve. E  
 na terra apareceu um Fatima, a tres postori-  
 ras em 13 de Maio, prometteudo appare-  
 cer no dia 13 de seis meses seguidos no  
 Outubro, ultima appareça em que houve  
 um vilage para que todos acreditavam.

Tinha eu vinte e tres annos e crezza edades te-  
 das as dificuldades a vencer. Com licença  
 de meus Pais e com a maior commoção pela  
 minha boa mãe da Lili, fui com a minha  
 irmã ali Fatima no dia 13 de julho. Graças  
 aos ventos, desconhecidos e ainda a dis-  
 tancia de 50 kilometros mais em voo.  
 Chegamos, campo deserto com habitações,  
 só sem e vatos, em commoções voo.  
 Tiveram já uma enorme multidão de pessoas,  
 digão estavam perto de 50.000. Deixamos o  
 carro e fomos com a minha irmã e a  
 minha mãe para a casa da Lili, aonde estavam

2.  
a pastorinhas que eram juntas com Fátima,  
Francisco com 9 e Lucia com 10. Felizmente  
ficamos juntos até o fim. Percebe-se o tempo, te-  
do acompanhavam com a maior devoção.  
Em dada altura a Lucia disse, lá vem uma  
luzinha prometendo bem impressionante.  
Durante esse tempo a Lucia estava como  
num extase, e as pastorinhas edificavam  
pela que havia visto ali se elevavam. Perce-  
u-se um alto, choraram, e a multidão exi-  
tadíssima pediu graças à Mãe de Deus ali  
tão perto de nós. Alguns diziam, que eram  
anjos, outros que eram uma luz muito bela.  
Quando foi a vez de ir embora, a que  
parecia afirmar. Foi na vez da agitação  
na grande festa. Lá estava, viam-se como  
uma chuva de folhas bonitas, fazendo  
luzinhas pitadas de flor de amendoim,  
ou figurinhas, bolas de sabão que iam e  
vinham desaparecendo, até que a Lucia  
disse que havia luzinha já tinha subido na  
Cruz. Prometendo bem impressionante.  
Outra coisa muito singular é que todas pedem  
para ir. A agitação corria a Luzinha branca,  
depois apresentava os seus três bonitos  
luzes douradas como línculos passados sob o céu.

3º

Era uma pequena árabe muito pobre e doente  
 que foi desaparecendo por todos os bairros  
 em caminho com o alívio. Inclusive fo-  
 ram duvidando de sua presença e graça  
 e obediência. Voltamos com a grande multidão  
 com o maior medo de lá voltar, e que se  
 foi possível em 13 de Outubro, data ines-  
 quecível da grande aparição de 1917. Como  
 seguia a viagem que foi bem tormentosa,  
 de baixa de um temporal enorme de chuva  
 e vento, que por vezes até saudia a carne. Fizemos  
 a viagem de bique dos que naquele tempo  
 tinham cartões, e aqui a nossa imperiosa  
 segurança, pela muito vento e chuva fez aquela  
 demora. Tudo se resolveu com a prática de fazer a  
 chuva. Pela ocorrência muitos fugiram e  
 voltaram e ficaram. Chegamos a Fátima,  
 uma enorme multidão estava toda aquela  
 noite e em todas as horas, e não se podia  
 passar. Com bastante dificuldade, e não  
 houve parte da estrada, e ali nos conservamos.  
 Era impossível avançar, pela grande multidão  
 e porque, como bem dizem, e ainda nos eram  
 de lamaca. Na casa ficamos esperando e  
 nada. Como já passava de meia-dia, por isso  
 com a nossa e protestos contra os católicos,

40

contra a Igreja representada pelos sacerdotes  
ainda alguns poucos respeitadores contra a  
14.º Vigário. De repente os de trás ficaram  
cantaram e disseram: "vive, vive, vive" e outros cantaram  
a Nossa Senhora e outros aguardavam os ibus  
de fi a promessa de milagre. As mulheres com  
çaram a dispenhar-se e o sol a descer com  
quente. Há uma agitação entre a povo e a  
Ve-se uma voz repetida por milhares. Tinha  
o chapéu, o hino para o sol. Pelo poder de Deus  
o sol tornou-se uma placa luminosa, em al gu  
e podia fixar. Tinha um tamanho muito  
maior, parecia que se deslocava do firmam  
to. Começou com grandes movimentos di  
rotas e uma enorme onda de fogo de artefício  
Nestes movimentos desia a terra e subia  
novamente, num ambiente de todas as  
linhas e de Arre-tue desde os vermelhos  
amarelos lilaz rosa e verde. Os olhos de tanta  
emoção a vista imã caiu de maneira da  
sobre os seus braços, pelo que não se foi po  
sível contar sem acerto a veze quando fo  
to o sol, subiu e desceu, emia que foram to  
movimento de grandeza divina. Há quem  
pedia permitir a que nos foi concedida  
observar. A multidão excitada emia quita

5

"Vilagem! Vilagem! choravam. Diziam: se o  
 la e o mundo, pediam perdão a Nossa Senhora  
 e, para não errarem em nada. Bem disse  
 uma pessoa verdadeiramente estas palavras  
 mas é em impressões. Aquelas que pag  
 e de não tudo criticavam, caíram de joelhos,  
 e não mais pela coroa, como pelo arrependi-  
 mento que estava bem representada  
 de jornalista, alguns bem conhecidos, e não  
 sendo mais e que tinham visto. O mesmo, fo-  
 ra um jornal, no dia seguinte trouxe em  
 duas grandes e a 1ª página. O sol brilhou  
 também em Fátima. Foram duas vezes impressões  
 e jornal que por lá ficou, por seria hoje um  
 mundo de testemunhas da verdade. E a sua  
 falta está uma edição de António de Oliveira  
 da que podeis ver. O grande jornalista político  
 conhecido, chamado Espinal de Sousa, esteve  
 no seu jornal em 14 de Outubro de 1917. O sol brilhou  
 também em Fátima. Agradeço, e a sua  
 e também a grande graça que me acabara  
 de conceder, voltarei mais vezes de lá e  
 compareço aos seus, pela sua infinita poder.  
 Um afeto e as suas e está imitada e nã se  
 tem. Quando regressar, e vou e sobre  
 e diga. Depois disto tudo ainda há quem

6<sup>o</sup>

deixa que não há de mais'. Espero que os  
relatos que não duvidamos de que em alguns  
casos são simplesmente, mas com toda a  
verdade, de fato, que se foi sempre  
essencialmente dos livros de Maria para com  
nos, e verdadeiros filhos amigos da nossa  
boa irmã do céu.

Com muita amizade e carinho

Isabel A. de Aguiar, Mourão

Sendo, 13 de novembro de 1974

## **Transcrição da carta de Vitória Antunes Sirgado de Azevedo Mendes:**

Meus Queridos Netos,

Tenho pensado por vezes, em consciência, esclarecer-vos o que foi o milagre do Sol, como eu tive a graça de poder ver em Fátima no dia 13 de Outubro no ano de 1917.

Correu por todo o Portugal a grande notícia de que Nossa Senhora tinha aparecido em Fátima a três pastorinhos em 13 de Maio, prometendo aparecer sempre no dia 13 de seis meses seguidos até Outubro, última aparição em que haveria um milagre para que todos acreditassem. Tinha eu vinte e três anos e nessas idades todas as dificuldades se vencem. Com licença de meus Pais e com a maior veneração pela nossa boa Mãe do Céu, fui com a minha irmã até Fátima no dia 13 de Julho. Maus caminhos, desconhecidos e ainda a distância de 50 quilómetros mais ou menos. Chegámos, campo deserto sem habitações, só serras e matos, em compensação encontrámos já uma enorme multidão de pessoas dizendo estarem perto de 50.000.

Deixámos o carro e procurámos conseguir ir até ao vale hoje conhecido pela Cova de Iria, aonde estavam os pastorinhos, que eram Jacinta com 7 anos, Francisco com 9 anos, e Lúcia com 10.

Felizmente ficamos pertinho deles. Rezava-se o terço, todos acompanhavam com a maior devoção. Em dada altura a Lúcia disse: lá vem Nossa Senhora! Momentos bem impressionantes.

Durante esse tempo, a Lúcia estava como num êxtase, e os pastorinhos edificavam pelo que havia neles de sobrenatural. Rezava-se mais alto, choravam, e a multidão excitadíssima pedia graças à Mãe do Céu ali tão perto de nós. Alguns diziam que iam anjinhos, outros que viam uma luz muito brilhante. Eu e a minha irmã só vimos o que posso afirmar. Pelo ar em volta da azinheira aonde Nossa Senhora estava, via-se como uma chuva de folhas brancas, fazendo lembrar pétalas de flor de amendoeira ou pequeninas bolas de sabão que iam e vinham desaparecendo, até que a Lúcia disse que Nossa Senhora já tinha subido ao Céu. Momentos bem impressionantes.

Outra coisa muito singular e que todos puderam ver. A azinheira aonde a Virgem desceu, depois apresentava os seus tenros raminhos todos deitados como tivessem passado sobre eles. Era uma pequena árvore muito redondinha que foi desaparecendo pois todos colhiam um raminho como relíquia.

Ninguém ficou duvidando de uma presença e graça sobrenatural. Voltámos dando graças a Deus e com o maior desejo de lá voltar, o que só foi possível em 13 de Outubro, data inesquecível do grande milagre do sol. Nessa segunda viagem, que foi bem tormentosa, debaixo de um temporal enorme de chuva e vento, que por vezes até sacudia o carro. Fizemos a viagem de breque dos que naquele tempo tinham cortinas, as quais eram impossíveis segurar, pelo muito vento e chuva por aquelas serras.

Tudo se venceu com a protecção de Nossa Senhora. Pelos caminhos, muitos peregrinos cantavam e rezavam. Chegámos a Fátima, uma enorme multidão enchia todo aquele vale e encostas. Diziam estar perto de 70.000 pessoas. Com bastante dificuldade, o carro ficou perto da estrada, e aí nos conservámos. Era impossível avançar, pela grande multidão de pessoas, carros

bem diversos, e ainda um enorme lamaçal. No carro ficámos esperando e rezando.

Como já passava do meio-dia, começaram a ouvir-se protestos contra os católicos, contra a Igreja representada pelos sacerdotes e ainda alguns pouco respeitosos contra a SSª Virgem. No entanto, os de boa fé rezavam e cantavam o Queremos Deus, e outros cânticos a Nossa Senhora e assim aguardávamos cheios de fé a promessa do milagre. As nuvens começaram a dispersar-se e o Sol a descobrir bem quente. Há uma agitação entre o povo e ouve-se uma voz repetida por milhares. Fechem os chapéus, olhem para o Sol!

Pelo poder de Deus, o Sol tornou-se uma placa luminosa, mas que se podia fixar, tinha um tamanho muito maior, parecia que se deslocava do firmamento. Começou nuns grandes movimentos de rotação como uma roda de fogo de artifício. Nestes movimentos descia à terra e subia novamente, num ambiente de todas as lindas cores do arco-íris, desde o vermelho, amarelo, laranja, lilás, rosa, azul e verde.

No meio de tanta emoção a minha irmã caiu desmaiada sobre os meus braços, pelo que não me foi possível contar bem ao certo as vezes que o majestoso Sol, subiu e desceu, creio que foram três. Movimento de grandeza divina. Só Deus podia permitir o que nos foi concedido observar. A multidão excitadíssima gritava Milagre! Milagre! Choravam. Diziam acaba-se o mundo, pediam perdão a Nossa Senhora, para não morrerem em pecado.

Bem desejava poder verdadeiramente descrever estes momentos, mas é-me impossível. Aqueles que perto de nós tudo criticavam, caíram de joelhos, talvez não só pela comoção, como pelos remorsos. A imprensa que estava bem representada por jornalistas, alguns bem incrédulos, [não soube] negar o que tinham visto. O Século, jornal bem jacobino, no dia seguinte trazia em letras grandes na 1ª página – O Sol bailou ontem em Fátima. Tantas vezes emprestei o jornal que por lá ficou, pois seria hoje um grande testemunho da verdade. Na sua falta está uma crónica de Avelino de Almeida, que podeis ver. O grande jornalista e político [avançado], enviado especial do Século, escreveu no seu jornal em 14 Outubro de 1917 - O sol bailou ontem em Fátima.

Agradecendo a Nossa Senhora a grande graça que nos acabava de conceder, voltámos mais cheios de Fé e confiança em Deus, pelo seu infinito poder. Um aparte mas como este muitos se repetiam. Quando regressávamos o nosso cocheiro dizia: «Depois disto tudo ainda há quem diga que não há Deus!»

Espero, queridos netos, que não duvidem do que vos exponho tão simplesmente, mas com toda verdade, desejando que sejais sempre cumpridores dos vossos deveres para com Deus e verdadeiros filhos amigos da nossa boa Mãe do Céu.

**Vossa Avó muito amiga e sincera**

**Vitória S. de Azevedo Mendes**

**Soudos, 13 de Novembro de 1977**

Nota de edição: texto escrito aos 84 anos de idade.

**Anexo 2 - Agradecimento do Santuário de Fátima pelo envio da cópia da Carta de Vitória Sirgado de Azevedo Mendes aos seus netos e pela entrevista que, após esse facto, ela concedeu a colaboradores do santuário, na sua casa, nos Soudos, nos finais do Verão de 1983.**

**SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA**  
**SERVIÇO DE ESTUDOS E DIFUSÃO (SESDI)**



\*Nossa Senhora em 13-8-1917

P-1436 FÁTIMA CODEX  
Tel. 649-97582/2/4

Exmo Senhor  
**Dr. FERNANDO DE AZEVEDO MENDES**

Sem referência	Sem comunicação	Mês referência	Data
	4-12-1983	106.1	19 DEZ. 83- 4630

**ASSUNTO:**

Exmo Senhor Deuter,

Venho agradecer a V.Ex<sup>a</sup> o envio da fotocópia de um belíssimo depoimento da sua Mãe, Sr<sup>a</sup> D. VITÓRIA SIRGADO DE AZEVEDO MENDES sobre o milagre do sol em 13 de Outubro de 1917 redigido em 13 de Novembro de 1977 e dedicado aos seus netos. Ficámos muito gratos também por a Sua Mãe, apesar da sua idade ter recebido os nossos colaboradores, na visita que fizeram a sua casa em Soudos (Terres Novas).

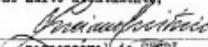
O depoimento é muito interessante e valioso, porque feito por uma pessoa que nessa altura tinha já 23 anos e manifesta muita lucidez na data em que rege o seu depoimento.

Há um pormenor no depoimento que gostaria de clarificar: Sua Mãe refere-se a uma irmã. Como se chamava? Ainda é viva? Terá deixado algum depoimento? Haverá alguma referência à sua presença em Fátima? Pelos apelidos e naturalidade vejo que serão da família do Sr. Dr. Carlos de Azevedo Mendes, figura importante na história de Fátima. É verdade?

Bastaria ter o gosto na obtenção de alguma informação, é claro que não quereria incomodar V.Ex<sup>a</sup> com Sua Mãe.

Estando próximo o Natal e Ano Novo, desejo apresentar a V.Ex<sup>a</sup>, Sua Mãe e seus Familiares os melhores votos de felicidade e paz.

Com os melhores cumprimentos, subscrevo-me muito atentamente,

  
responsável do SESDI

---

Na correspondência e envelope indique sempre o Serviço respectivo.

SEARA - A	SEAD - Serviço de Administração - E	SEPR - Serviço de Práticas - H
SEAC - Serviço de Arquivos e Controlo - B	SEPRM - Serviço de Promoção e Protecção de Arquivos - F	SEPRM - Serviço de Práticas - J
SEAL - Serviço de Alugados - C	SEPAL - Serviço de Práticas - G	SESDI - Serviço de Estudos e Difusão - J
SEAS - Serviço de Associações - D		SEDO - Serviço de Documentos - L

Anexo 3 – Resposta ao Santuário, por parte de um filho de Vitória Sirgado Azevedo Mendes.

HERNANDO DE AZEVEDO MENDES



Ao  
Santuário de Nossa Senhora de Fátima  
SESDI - Serviço de Estudos e Difusão  
P-2496 FÁTIMA CODEX

LISBOA, 9 de Março de 1964

v/refª. - 146.1. n.º 4630 de 19/12/83

Exm<sup>as</sup>. Senhores

Refiro-me à carta em referência, à qual peço muito desculpa de não ter dado oportuna resposta.

Aconteceu porém que, por essa altura, o estado de saúde de minha saudosa Mãe, Vitória Sirgado de Azevedo Mendes, se agravou subitamente, o que me levou a protelar aquela resposta sempre na esperança de uma recuperação que afinal não chegou.

Em vez disso, cumpre-me com o maior desgosto vir comunicar a V.Ex<sup>as</sup>. o falecimento de minha Mãe, ocorrido já em 7 de Fevereiro, p.p., na sua casa dos Seudos, poucas horas depois de, em perfeita lucidez, ter recebido os Últimos Sacramentos tendo a seu lado todos os seus seis filhos vivos e, quiz Deus etc., sua neta mais velha, filha de minha irmã mais velha, única já falecida.

Infelizmente, já não poderei pois V.Ex<sup>as</sup>. voltar e ouvir directamente de minha Mãe o seu depoimento sobre o Milagre de Fátima, em que sempre pos uma edificante fé e entusiasmo.

Respondendo ainda assim à vossa carta, permito-me esclarecer que somos efectivamente da família do Dr. Carlos de Azevedo Mendes, de quem meu falecido Pai, Cândido de Azevedo Mendes, era irmão.

Minha Mãe era já, aliás, a única sobrevivente de toda uma larga geração de irmãos e cunhados, tendo deixado, além dos sete filhos e que acima aludi (de que eu, com 57 anos, sou o sexto), 36 netos e 21 bisnetos...

A irmã e que minha Mãe se refere no seu depoimento já faleceu há muitos anos, não tendo deixado nada ao rito sobre Fátima. Tratava-se de minha tia, Maria Sirgado Antunes que, tal como minha Mãe, era natural de Arges, uma aldeia perto dos Seudos e também do concelho de Torres Novas.

Fico à vossa disposição para qualquer esclarecimento, para o que poderão igualmente recorrer a uma das minhas filhas.

Espero que me desculpem do strano e extenso desta carta, resultante afinal do desejo de corresponder ao interesse que manifestara por minha Saudosa Mãe, e quem recomendo nas vossas graças.

Com os mais melhores cumprimentos, subscrevo-me

muito enciosamente,

Anexo 4 – Registo (incompleto e ainda sob a forma de rascunho do jornalista) da entrevista concedida por Vitória Sirgado Azevedo Mendes em 1983, em sua casa, gentilmente cedido pelo Santuário de Fátima, em Novembro de 2014.

VITÓRIA SIRGADO AZEVEDO MENDES

Sendo:

- R- Eu vi o milagre. Era ainda criança. Javia aos 22 ou 23 anos. Viviam aqui perto. Tínha na casa com os meus pais e andava no Colégio, em Terças Novas. Depois de 1910 as festas foram embora. Os meus pais eram levedadores. O meu pai também tinha o seu comércio, mas vivia mais da terra.
- P- A São foi das romas passadas intencionais que estavam em Fátima em 1917.
- R- Pois, os meus pais não foram. Foi de trem, depois de umas que antigamente havia, com uma carruagem, puxado por cavalo. Foi com a minha irmã e uma prima. Já moravam. E com o cocheiro fomos por aquelas terras fora.
- P- Porque é que foi?
- R- Porque se dizia que no dia 13 ia aparecer N. Sra. Andava por aí espalhada essa notícia, pela boca do povo, pessoas daqui da Vila. E eu acreditei - acreditei, fomos para ver. Se fosse verdade nos azevedos todos. Já tinha ido em julho. Diziamos a Nossa mãe: "Há de ser deuses in o Fátima". Em Outubro depois fomos na esperança de ver N. Sra. Foi um caminho duro. A estrada velha e chovia, chovia, chovia, uma a que chovia anteriormente. Ao chegarmos do carro, eram de longe, pensavam que voavam. O carro ia por aquelas terras fora e a chover tanto. Abalámos de má vontade. Ficámos à beira da estrada e lá em cima onde se via o vale e o sítio onde os pequenitos iriam. Talvez ainda é hoje a Cruz Alta. Não havia um lugar onde se pudesse por o carro, era tudo lama. Lá ficámos dentro de casa, à espera das horas da aparição. Então vimos passar várias pessoas para Aljustrel, para casa do Jacinto. Chegámos muito cedo. E depois vimos outra vez para de Aljustrel para lá. O (?) meu cunhado - o 1º cunhado de Fátima trouxe a notícia do facto.
- P- Há uma fotografia... É de um boneco na cabeça?
- R- Isso não sei. E ela ali vinha no meio daquela multidão enorme. Eram muitas pessoas. Não sei calcular quantas. Era um bonecozinho mesmo do que as que se juntam agora. E lá estiveram. Nunca mais chevi. Quando chegámos a Fátima pareu de chover. Havia lama à volta do carro, mas pouca. O povo era tanto. Os homens apertavam. As pequenas ficavam lá para baixo, para a frente. Havia pessoas que gritavam, muito de zangado porque a aparição em vez de ser no mês de maio, foi depois, em setembro e daí depois. Houve ainda um bonequinho lá em baixo, aquele agonia está muito diferente. Aquilo era uma coisa, era um boneco muito mais baixo. Houve lá um bonequinho qualquer. Houve uns pequenitos que também lá estavam. Um disse no dia seguinte que "O Sol bafo em Fátima", e Avênia de Almeida. Disseram muito disparatos. Jágo vi que nós eram pessoas carentes. Ficaram espantados com o milagre. Os homens

VITÓRIA SIRGADO DE AZEVEDO MENDES

- R - Estávamos transtornados. Dizião: "Já vem agora N. Sra, olhem para o Sol". Era a vez corria lá ali. E toda a gente olhava para o Sol, que lá bastanta alto aquela hora, estava bastan- te alto no firmamento. Um sol esplendido, num dia lindo. Sem nuvens, sem nada. O céu estava azulino. Nós começamos a olhar para o Sol e de repente vê-se uma luz lindíssima, mas uma luz que nós deixava um nada. Nessa mais tempo vi o Sol descer e vir até a Terra.
- P - Tem uma ideia como é que o Sol desceu?
- R - De-me a impressão que ele desceu as voltas. De cima, para baixo, as voltas. A luz era tão brilhante que nós deixava ver as coisas. E aí estivermo. Não foi também mu- to tempo que o Sol assim esteve, mas as pessoas aflitas - "Aí que se acaba o mun- do; Aí nessa Sra!". Então, o povo estava exaltadíssimo. Não sei quanto tempo desceu. O tempo passou-me comprido, mas não sei. O Sol desapareceu numa man- ta, subiu. Sei que desapareceu, já não sei se subiu se não. Eu não vi subir. Jam- na a minha mãe, que tinha caído desmaiada para os meus braços. "Vé lo-mas N. Sra. não no mês, não no mês". Eu estava a cuidar da minha mãe, não estava com atenção. E foi assim: o milagre.
- P - Há pessoas que dizem que vieram muitas coisas...
- R - Isso vi. Quando isto se passou, quando olhávamos para as pessoas, as pessoas estavam as coisas. Não sei se foi da luz do sol, mas as pessoas estavam de coisas diferen- tes. Não sei, eu compreendi que foi da luz do Sol que nos fez cegar e depois daí um pouco para as pessoas e elas estavam diferentes. Não se podia olhar para o Sol. Olhavam para o Sol enquanto podiam, que o Sol esteve pouco tempo tremendo. Depois, como digo, desapareceu. E não é que eu não posso dizer se o Sol subiu, se não. Sei que depois aquela gente, e lá em baixo, a pequena que estava a rezar o Ave- - estavam a encarnar-lhe, que ela ainda era nova - ela, pequeninha, esta- va da mão direita. Não como estavam lá em cima ainda vamos parte das pessoas lá em baixo. Mas ela, no meio da multidão, parecia-se.
- P - Lembra-se de ter sentido muito calor nessa ocasião?
- R - Não. Não me recordo. Nós fomos todos encharcados, mas enlugar. Já estava tudo seco quando N. Sra apareceu. Ficamos ali ainda um bocão. Tudo rezou, to- do estava com calor o que havia de dizer e lá fomos depois até lá abaixo, até ao pé da pequenina - com muito custo lá se conseguia chegar. Lá fomos até ao pé dela e ela mesmo, parecia um anjinho catandinha, que ali estava a rezar a N. Sra.
- P - Estava transtornada? Estava calma?
- R - Estava muito quieta, parecia uma santinha. Eu dava dizer que não vi N. Sra. mas vi umas luzinhas pequeninas, quase como no primeiro ali naquele campo onde apa- receu N. Sra. Umaz luzinha a apagar e a acender. Pequeninas. Não tinha forma- to nenhum. Muitas. Versão. Isto vi eu. Havia pessoas que diziam: São anjinhos. Eu não vi anjinhos. Vi aquelas luzinhas, quando lá fomos para baixo. E aqui está o milagre.

VITÓRIA SIRGADO DE AZEVEDO MENDES

P- Falou com algum dos videntes?

R- Não, com os pequenos não falou. Falou depois com o meu cunhado (Avelar (1 avôvito). Juntos no muitos meses dele com a pequenita do céu, talvez acertada, pelo modo da multidão.

P- Quando o Sol se escapou do firmamento, estava um céu azul?

R- Nem uma nuvem no céu, quando da noite foi uma quantidade de chuva enorme, por aquela semana inteira. Pela manhã começou logo a aliviar, quando chegamos a Fátima já não chovia. Ali estivemos muito tempo, até à 1h30, mais ou menos.

P- Via-se bem o Sol no firmamento?

R- Via-se lindamente. O Sol muito alto. Naquela altura é que desceu até à Terra.

P- Tem a certeza de que era o Sol?

R- Eu vi, era aquela luz brilhante e desceam que era o Sol. Concretiza que era o Sol. N. Sra não nos chamava ali para nos enganar.

P- Não tem consciência de ter visto o movimento do Sol a descer?

R- Isso tenho. A descer. De repente. E não digo que começasse a ver logo desde lá de cima do firmamento. Mas sei que o vi mais baixo a caminhar para a Terra. Aquela luz brilhante. Era a luz do Sol concretiza. Amarelado, brilhante.

P- E umas florzinhas a cairam do céu?

R- Isso não vi. Só as luzinhas e isso foi lá em baixo. Isso não vi. O que vi das luzinhas não foi lá em cima onde nos estavam, mas lá em baixo, quando nós desamos. Muitas luzinhas. Fililampas. Não era uma luz muito forte, quase imperceptível. Depois de um pareceram de vez quando se foi N. Sra. Nós fomos descer e já lá estavam em baixo quando a pequena ainda estava de joelhos. E depois N. Sra. desapareceu.

P- Há pessoas que dizem que viram no Sol a Sagrada Família?

R- Eu não vi. Não vi figura nenhuma. Só achei extraordinário aquilo do Sol. Não vi mais nada.

P- A que distância é que acha que o Sol passou da Terra?

R- Isso lá. Sei lá. Por cima das cabeças daquela gente. Mas não sei mais nada, porque não viamos as pessoas. O Sol desceu e viramos as pessoas. Não estavam os raios tão brilhantes. O tamanho não sei, era muito brilhante.

P- Em que sentido rodava?

R- Assim, no sentido dos ponteiros do relógio, para a direita. E depois viramos todos embora. A minha irmã estava um pouco transtornada (?). Os jornalistas, certo.

VITÓRIA SIRGADO DE AZEVEDO MENDES

R -

Creio que existam os juvenalistas.. Já não podemos negar o que tinham visto, ali.  
Não digo porque já não passo.